O48 Oliveira, Magno Luiz da Costa.
Da linguística à linguística aplicada – desconstruindo fronteiras da linguagem com Jacques Derrida / Magno Luiz da Costa Oliveira. – Ilhéus, BA: UESC, 2013.
84 f.

Orientadora: Élida Paulina Ferreira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações.
Inclui referências.

1. Derrida, Jacques, 1930-2004 – Crítica e interpretação. 2. Linguística aplicada. 3. Linguagem e línguas. I. Título.

CDD 418

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

DA LINGUÍSTICA À LINGUÍSTICA APLICADA – DESCONSTRUINDO FRONTEIRAS DA LINGUAGEM COM JACQUES DERRIDA

ILHÉUS – BAHIA

2013

MAGNO LUIZ DA COSTA OLIVEIRA

DA LINGUÍSTICA À LINGUÍSTICA APLICADA – DESCONSTRUINDO FRONTEIRAS DA LINGUAGEM COM JACQUES DERRIDA

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e representações como requisito para obtenção parcial do título de mestre em Letras, à Universidade Estadual de Santa Cruz.

Linha de pesquisa: Linguagem: descrição e discurso

Orientadora: Profª Drª Élida Paulina Ferreira

ILHÉUS – BAHIA

2013

Dedico este trabalho ao homem que eu gostaria de ser: Augusto, meu filho.

AGRADECIMENTO

Aos meus pais, que sempre me apoiaram em minhas decisões, permitindo e incentivando o meu crescimento pessoal. Ao meu filho Augusto Magno, por inspirar o que há de melhor em mim. Aos meus irmãos Marco Aurélio e Tarcio, sem os quais eu não teria lembranças dos melhores momentos de minha vida. À minha companheira Naianny, pelo apoio e guarida nos momentos difíceis.

Em especial, o meu mais sincero agradecimento à Profª. Élida Ferreira, pela paciência e fé no meu trabalho. Agradeço aos professores do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações da UESC, principalmente: André Mitidieri, Inara Rodrigues, Gessilene Kanthack, Maria D' Ajuda Ribeiro e Vânia Torga por me ensinarem a dialogar.

A todos os amigos que sempre acompanharam minha empreitada e fizeram com que meus dias nos corredores da UESC fossem sempre animados.

O outro

E que a vida me faça humano

Pois nasci homem

E homem não basta.

Não basta o instinto individual

O efeito causal do meu polegar e o indicador.

Nem minha memória colorida basta

Nem o aprendiz que me cabe.

Pois nada me cabe como ente mundano

Sem a partícula exata que me torna humano:

O outro.

Magno Luiz da Costa Oliveira.

RESUMO

A Linguística Aplicada Crítica deverá seguir preceitos duma nova ciência. Ciência que rompe com os postulados positivistas e se baseia na relação entre os pressupostos epistemológicos – metodológicos pós-estruturalistas e os pressupostos epistemológico-metodológicos estruturalistas. Nesse sentido, pretende-se apontar a nova agenda da LAC na construção dum paradigma que rompa com a tradição metafísica e com os vícios da Linguística Geral. Como pano de fundo, pesquisaremos qual o legado da desconstrução derridiana, enquanto pressuposto filosófico, para os estudos de linguagem . Para tanto, nos debruçaremos sobre as formulações de Derrida que problematizando a relação linguagem x representação abre outras possibilidades representacionais da linguagem. Tal tarefa exigirá exame da crítica derridiana ao signo saussuriano, da sua proposta representacional no texto O Teatro da Crueldade e o Fechamento da Representação (2009), da crítica à fenomenologia husserliana e da problematização do conceito de estrutura.

Palavras-chave: Linguística Aplicada Crítica; Linguagem; Desconstrução.

ABSTRACT

Critical Applied Linguistics should follow principles of a new science. Science that breaks with positivist assumptions and is based on the relationship between the epistemological assumptions - poststructuralist methodological and epistemological assumptions and methodological structuralists. In this sense, it is intended to point to the new agenda of LAC in the construction of a paradigm that breaks with the metaphysical tradition and the vices of General Linguistics. As background, we will investigate what legacy of deconstruction Derrida, while philosophical assumption, for language studies. To do so, we will lean on Derrida's formulations, questioning the relation language x representation makes new representational possibilities of language. Such a task will require examination of Derrida's critical to Saussure sign of its representational proposal in the text The Theatre of Cruelty and the Closure of Representation (2009), from the critique of Husserl phenomenology and the questioning of structure concept.

Keywords: Critical Applied Linguistics, Language; Deconstruction.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....07

2. CIÊNCIA DA LINGUAGEM E RUPTURA DE PARADIGMAS 12

3. DESCONSTRUÇÃO DO SIGNO E DA LINGUÍSTICA COMO CIÊNCIA.....29

4. INOVAÇÕES DERRIDIANAS – AMPLIANDO FRONTEIRAS PARA O CAMPO DA LINGUÍSTICA APLICADA.....55

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....76

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....82

1. INTRODUÇÃO

Na tradição dos estudos linguísticos o modo como é analisada a linguagem determina qual paradigma científico será utilizado nas pesquisas. A Linguística Geral baseada em pressupostos estruturalistas se desenvolveu seguindo o caminho positivista das ciências naturais. Já a Linguística Aplicada questiona princípios básicos da tradição acadêmica e provoca uma tensão entre comunidades científicas. Por detrás desta contenda surgem sérios questionamentos, a saber: o que é ciência? O que é língua? A linguística é ciência? Qual a relação entre língua, linguagem e sociedade? Essas perguntas tem um papel denunciador porque demonstram o momento de crise que a linguística atravessa.

No início do século XX, no auge do estruturalismo, essas perguntas poderiam ser respondidas tranquilamente. Hoje pesquisadores de renome propõem não responder, mas sim problematizar ainda mais essas questões (RAJAGOPALAN, 2008.). Esses pesquisadores tentam construir uma ciência que não esteja baseada nos pressupostos que alicerçaram o estruturalismo, mas em pressupostos filosóficos que vão de encontro às ações totalitárias da metafísica estruturalista e racionalista.

Cabe ao pós- estruturalismo o papel de crítico ao modo de fazer ciência do estruturalismo.

> Devemos interpretar o pós-estruturalismo, pois, como uma resposta especificamente *filosófica* ao *status* pretensamente científico do estruturalismo e à sua pretensão a se transformar em uma espécie de megaparadigma para as ciências sociais. O pós-estruturalismo deve ser visto como um movimento que, sob a inspiração de Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e outros, buscou descentrar as "estruturas", a sistematicidade e a pretensão científica do estruturalismo, criticando a metafísica que lhe estava subjacente e estendendo-o em uma série de diferentes direções, preservando ao mesmo tempo, os elementos centrais da crítica que o estruturalismo fazia ao sujeito humanista (PETERS, 2000, p. 10).

O que deve ficar evidente é que o estruturalismo, ao criticar o sujeito metafísico e a própria constituição epistemológica da metafísica, acabou por criar na década de 60 "um "megaparadigma" transdisciplinar, contribuindo para integrar as

chamadas “humanidades” e as ciências sociais, mas o fez sob uma forma exageradamente otimista e *cientificista*” (PETERS, 2000, p. 9). Tal endeusamento das ciências humanas terminou por universalizar uma metodologia, quer dizer, a análise sistêmica da linguagem criava a ilusão duma fundamentação lógica universal que baseada em dicotomias daria conta de explicar o funcionamento de qualquer estrutura de pensamento. Não queremos dizer com isto que o pós – estruturalismo faz oposição ao estruturalismo. O que deve ficar claro são os deslocamentos teóricos da transição entre esses dois modos de pensamento.

No final da década de 60 a postura transdisciplinar do estruturalismo é colocada em xeque tendo como instrumento inquisidor os próprios argumentos estruturalistas. Afinal, embora os estruturalistas fossem de encontro à primazia do sujeito que conhece e que é capaz de se afastar do objeto, continuavam a basear-se numa estrutura e numa centralidade que estava fora dela. O centro não participava da sua estruturalidade. Derrida critica este caráter transdisciplinar do estruturalismo e aponta para um novo caminho no qual o centro não pode mais limitar a estrutura.

O filósofo faz essa crítica ao estruturalismo ao apresentar, na Universidade John Hopkins, o ensaio: *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas* (2009). O presente ensaio demonstra a filiação epistemológica de Derrida às ideias de Nietzsche e Heidegger, algo comum na França pós-estruturalista. Peters (2000, pag. 32) faz o seguinte comentário sobre esse cenário:

> A genealogia do pós-estruturalismo francês tem que ser compreendida, em parte, por suas filiações com o pensamento de Nietzsche. Em particular; com sua crítica da verdade e sua ênfase na pluralidade da interpretação; com a centralidade que ele concede à questão do estilo, visto como crucial, tanto filosófica quanto esteticamente, para que cada um se supere a si próprio, em um processo de perpétuo autodevir; com a importância dada ao conceito de *vontade de potência* e suas manifestações como vontade de verdade e vontade de saber. Esses temas filosóficos foram assumidos, adotados e experimentados pelos pós-estruturalistas franceses sob novas e estimulantes formas. Foucault, por exemplo, desenvolveu a genealogia nietzscheana como uma forma de história crítica que resiste à busca por origens e essências, concentrando-se, em vez disso, nos conceitos de *proveniência* e *emergência*. Ao analisar; por meio do uso de narrativas e da narratologia, a pragmática da linguagem, Lyotard demonstra a mesma aversão que tinha Nietzsche pelas tendências universalizantes da filosofia moderna. Derrida, seguindo Nietzsche,

> Heidegger, e Saussure, questiona os pressupostos que governam o pensamento binário, demonstrando como as oposições binárias sustentam, sempre, uma hierarquia ou uma economia que opera pela subordinação de um dos termos da oposição binária ao outro, utilizando a desconstrução para denunciar, deslindar e reverter essas hierarquias. Deleuze (1983, original de 1962) fixa-se na diferença como o elemento característico que permite substituir Hegel por Nietzsche, privilegiando os "jogos da vontade de potência" contra o "trabalho da dialética".

Essa releitura de Nietzsche a que Peters faz referência permitiu uma crítica ao arcabouço epistemológico e metodológico das ciências naturais que até então norteava o fazer científico das ciências humanas. A Linguística, como representante mor das ciências humanas e do modo positivista de fazer ciência foi objeto singular das críticas dos pensadores que buscavam um novo caminho para entender o funcionamento da linguagem.

A LA do século XX é herdeira deste positivismo, mas busca, na sua constituição como disciplina independente da Linguística Geral, a superação desse arcabouço teórico. Pennycook (2008, p. 70) faz o seguinte apelo:

> No propósito de criar as bases para uma nova era do que vou chamar de uma LA *transgressiva*, precisamos manter um foco incansável nas operações de poder como também um questionamento implacável em relação aos termos que usamos, ou como Scott sugere, precisamos operar com os arcabouços críticos tais como os de Franz Fanon, “o arquiteto revolucionário por excelência da libertação anticolonial” (Scott, 1999: 200), e também com o ceticismo epistemológico de Michael Foucault, para perceber que “nunca se deve permitir que a política descanse sobre a satisfação de sua própria auto concepção, sobre as identidades que afirma serem as constituintes de sua própria comunidade” (Scott, 1999: 207). Por um lado, a urgência e as realidades do embate político; por outro, a necessidade de questionar sempre nossas próprias pressuposições, assim como as dos outros.

A LA transgressiva de Pennycook traz à tona a necessidade de pensar o impensado, de transgredir os instrumentos científicos e políticos tradicionais. O que deve ficar evidente é que a neutralidade científica proposta pela tradição tem como objetivo manter o *status quo* dum sujeito majoritário que determina o discurso nas

relações de poder existentes na sociedade. A Linguística e LA tradicional[1] não compreendem ou não querem compreender que a linguagem atravessa vários campos de conhecimentos e questões como identidade, sexualidade, política, racismo e poder tem que ser enfrentadas a todo o momento.

Nesse sentido, é interesse dessa pesquisa agregar à LA crítica inovações da filosofia de Derrida. A nossa hipótese é de que a crítica derridiana ao signo saussuriano e a ruptura com o paradigma positivista e metafísico de ciência pode contribuir para agregar ao arcabouço teórico da LA inovações compatíveis com o seu caráter indisciplinar e transgressor. Cabe ressaltar que esta pesquisa objetivou, portanto, trazer para o campo dos estudos da linguagem a critica derridiana ao conceito de signo, ao conceito de ciência linguística, bem como sua dependência fonocêntrica e logocêntrica.

A Linguística Aplicada como herdeira da tradição logocêntrica e metafísica de ciência, embora tenha reformulado e reconhecido que seu objeto é multifacetado, não superou a lógica e a dependência do centrismo da tradição, mas avança a passos largos em busca de seu espaço crítico (2001). A filosofia derridiana tem muito a contribuir aos estudos da linguagem para superar a visão dicotômica da ciência, na qual sujeito e objeto são tratados separadamente sem levar em consideração os espaços de negociação entre ambos.

Derrida, no seu percurso teórico, irá aprofundar esta problemática do centramento e da estruturalidade dirigindo-se para o que segundo ele seria o cerne da questão, a saber: a arbitrariedade do signo, como ele é representado e como a metafísica construiu um modo de pensar baseada na representação platônica. O filósofo franco-argelino utilizará a desconstrução para questionar o caráter transdisciplinar do estruturalismo nas ciências sociais e apontará para a interdisciplinaridade pós-estruturalista alicerçada por sua crítica à centralidade da estrutura, ao significado transcendental e a determinação do ser como presença.

Buscamos tirar consequências das inovações derridianas, voltando-as para o campo da LAC. Compreendemos que é necessário uma ciência que tenha como objeto a trama entre a parte abstrata e estrutural da língua e a parte social do falante. Tendo em

[1] A LA tradicional tinha o objetivo de aplicar as teorias da Linguística “dura” tendo como principal campo a aprendizagem duma segunda língua. A LA crítica propõe uma atividade indisciplinar.

vista que a língua é vivência de mundo, mas também tem sua estrutura no mundo. Cabe a Linguística Aplicada Crítica construir mecanismos para investigar essas relações entre as áreas, rompendo com a lógica da metafísica tradicional que eleva umas das partes em detrimento da outra.

De forma a dar conta de nosso objetivo, organizamos o texto em três capítulos. No primeiro capítulo, discutimos o que estamos chamando de uma ruptura de paradigma, tomando como pilares a Linguística Geral e a Linguística Aplicada, no que diz respeito à constituição de uma ciência da linguagem.

No segundo capítulo apresentamos uma releitura de textos de Derrida, a saber: *Gramatologia* (2008), *A Estrutura, o Signo e o Jogo nos Discursos das Ciências Humanas* (2009), *A voz e fenômeno* (1994) e *O Teatro da Crueldade e o Fechamento da Representação* (2009). O intuito desse capítulo foi apresentar que papel a linguagem tem na reflexão derridiana, bem como a crítica ao logocentrismo e fonocentrismo de que os estudos linguísticos são herdeiros. Trata-se de apontar para outro modelo representacional da linguagem que pode ter consequências para este campo de estudo.

No terceiro capítulo buscamos apontar as consequências epistemológicas das invenções derridianas e podemos trazer elementos novos para o campo da Linguística Aplicada Crítica, que expande seus horizontes epistemológicos. Entendemos que essa discussão não se encerra aqui. Os estudos da linguagem baseado na filosofia derridiana cresce a passos largos, nosso objetivo é discutir possibilidades para que a Linguística Aplicada Crítica consiga apontar resoluções para os problemas de sua época.

2. CIÊNCIA DA LINGUAGEM E RUPTURA DE PARADIGMAS

> As revoluções científicas iniciam-se com um sentimento crescente, também seguidamente restrito a uma pequena subdivisão da comunidade científica, de que o paradigma existente deixou de funcionar adequadamente na exploração de um aspecto da natureza, cuja exploração fora anteriormente dirigida pelo paradigma. Tanto no desenvolvimento político como no científico, o sentimento de funcionamento defeituoso, que pode levar à crise, é um pré-requisito para a revolução (KUHN, 2003, p. 126).

> [...] uma das questões mais cruciais da pesquisa contemporânea é considerar a necessidade de ir além da tradição de apresentar resultados de pesquisa para os pares, como forma de legitimá-los. Para tal, são necessárias teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem, como também desenhos de pesquisa que considerem diretamente os interesses daqueles que trabalham, agem etc. no contexto de aplicação – uma dimensão que o campo da LA raramente contempla [...] (MOITA LOPES, 2008, p. 23).

Thomas Kuhn (2003) delineia como se dá o desenvolvimento da ciência. Nesse intento, propõe dois momentos para o desenvolvimento científico, a saber: ciência normal e ciência extraordinária. A primeira se caracteriza pela utilização indiscutível de um paradigma pela comunidade científica. O paradigma tem o poder de nortear o pesquisador no que diz respeito aos problemas da pesquisa, soluções para os problemas e qual método utilizar. A estabilidade do paradigma garante o período da ciência normal:

> [...]ciência normal significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas por algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior (KUHN, 2003, p. 19).

Para que a ciência normal prossiga seu empreendimento é necessário que os resultados das pesquisas bem sucedidas sejam relatados em manuais. Os empreendimentos baseados em pesquisas científicas passadas tem duplo papel: aglutinar cientistas partidários da teoria em questão e dar conta de resolver novos problemas

encontrados pela comunidade científica. As pesquisas passadas que tiveram sucesso nas suas tarefas servem de paradigmas. Por fim, o paradigma norteará o trabalho científico dos seus partidários e trará para seu grupo novos cientistas que continuarão a tradição da pesquisa determinada pelo paradigma:

> Homens cuja pesquisa está baseada em paradigmas compartilhados estão comprometidos com as mesmas regras e padrões para a prática científica. Esse comprometimento e o consenso aparente que produz são pré-requisitos para a ciência normal, isto é, para a gênese e a continuação de uma pesquisa determinada. (KUHN, 2003, p. 31)

A ciência normal se caracteriza pela necessidade de articulação do paradigma escolhido, quer dizer, a ciência normal é o próprio fortalecimento do paradigma, da sua capacidade de predição em relação aos fatos. Esse modo cumulativo vive em função de proteger e limpar o terreno para que os problemas encontrados consigam ser solucionados pela comunidade científica. Tenta-se modelar a natureza ao paradigma que se tem nas mãos:

> A ciência normal não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômeno; na verdade, aqueles que não se ajustam aos limites do paradigma frequentemente nem são vistos. Os cientistas também não estão constantemente procurando inventar novas teorias; frequentemente mostram-se intolerantes com aquelas inventadas por outros. Em vez disso, a pesquisa científica normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma (KUHN, 2003, p. 45).

O desenvolvimento da ciência se dá na maior parte do tempo nessas articulações da ciência normal, num período relativamente longo de estabilidade. Nessa capacidade cumulativa da ciência de acrescentar soluções para problemas propostos pela própria comunidade científica "[...] a ciência normal é aquilo que produz os tijolos que a pesquisa científica está sempre adicionando ao crescente acervo de conhecimento científico" (KUHN, 2003, p.24). Na ciência normal as pesquisas e suas descobertas vão se acumulando e fortalecendo o paradigma, no entanto, quando surgem algumas anomalias que o paradigma não dá conta de responder este entra em crise, possibilitando uma mudança radical no arcabouço teórico e prático que norteia a pesquisa.

O segundo momento se caracteriza pelos “episódios extraordinários [...] As revoluções científicas são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada” (KUHN, 2003, p. 25). Uma revolução científica é um acontecimento não-cumulativo no desenvolvimento da ciência, ou seja é uma mudança total ou parcial de um paradigma por outro, sendo que um não é compatível com o outro.

> Na mudança normal, simplesmente revisa-se ou acrescenta-se uma única generalização, e todas as outras permanecem as mesmas. Na mudança revolucionária, é preciso ou viver com a incoerência ou revisar em conjunto várias generalizações inter-relacionadas. Se essas mesmas mudanças fossem introduzidas uma de cada vez, não haveria um refúgio intermediário. Apenas os conjuntos inicial e final de generalizações proveem uma explicação coerente da natureza (KUHN,2006, p. 41).

Uma revolução científica se dá com uma batalha entre paradigmas, seus defensores utilizam de todos os artifícios para saírem vitoriosos, afinal não fica evidente qual o ponto norteador para apontar qual é a melhor opção, cada comunidade utilizará os pressupostos teóricos e metodológicos do seu paradigma para fazer sua própria defesa. Esse movimento tautológico culmina com a certeza de que o paradigma anterior não dava conta dos problemas que geraram a crise.

Encontramos na história da linguística exemplos de como funciona a tese kuhniana. Antes de Saussure a linguística passava por um período pré-paradigmático, no qual várias teorias tentavam dar conta dos problemas que surgiam com as novas descobertas, o próprio Saussure (1989) explicou no *Curso de linguística geral* as dificuldades que encontrou para construir uma ciência da língua. Saussure rompeu com o paradigma da linguística histórica e comparativa tecendo o arcabouço teórico do que viria ser chamado de estruturalismo. O estruturalismo, principalmente o americano, dirigiu os passos epistemológicos e metodológicos da linguística até o final da década de 50. “Em 1957, com a publicação de *Syntactic Structures* de Noam Chomsky, inicia-se uma nova revolução científica dentro da linguística, a que levou do estruturalismo ao paradigma gerativo-transformacional hoje predominante” (DASCAL, 1978, p.26). Essa revolução não rompe totalmente com o paradigma do estruturalismo. Essa é mais uma

característica das revoluções cientificas, nem sempre se rompe totalmente com o paradigma anterior.

A linguística tem servido como paradigma de "cientificidade" para as outras ciências sociais. Tal título se constituiu pelo fato da linguística tentar se aproximar ao máximo dos pressupostos metodológicos das ciências naturais baseada na filosofia positivista[2] que tem no seu interior regras do positivismo lógico que propõe a unificação da ciência natural com a social, à utilização do método dedutivo-hipotético e a utilização da linguagem científica na arquitetura da universalidade e neutralidade científica.

> [...] O objeto das ciências sociais tem características especificas que criam problemas e suscitam soluções diferentes daqueles que são comuns à ciência da natureza. Só que essas diferenças ou são exteriores ao processo de produção do conhecimento ou só o afetam no plano metodológico e não contendem com o estatuto epistemológico, com a forma lógica ou com o modelo de explicação que as ciências sociais partilham por inteiro com as ciências naturais (SANTOS, 1989, p.56).

Para Derrida (2008) o problema não se encontra somente no objeto, nem no método utilizado pela ciência em questão, seja ela das humanas ou naturais. O ponto nevrálgico é a própria postulação do que é ciência. Segundo Derrida (2008) essa ciência com objeto de estudo definido, com área de conhecimento definida está baseada num conceito de signo e dum modo de representação metafísica que limita as possibilidades de conhecimento.

Nesse sentido, utilizamos Thomas Kuhn de maneira didática para entendermos as mudanças que ocorrem na prática científica acadêmica, mas compreendemos que a forma Kuhniana de entender a ciência e seu movimento interno leva em consideração as formulações da ciência tradicional e uma concepção específica de ciência.

Ao romper com a Linguística, a Linguística Aplicada busca a sua autonomia como disciplina e a superação das formulações da tradição. Significa dizer que a

[2] Trata-se de uma concepção que se assenta nos seguintes pressupostos: a "realidade" enquanto dotada de exterioridade; o conhecimento como representação do real; a aversão à metafísica e o caráter parasitário da filosofia em relação a ciência; a dualidade entre fatos e valores com a implicação de que o conhecimento empírico é logicamente discrepante do prosseguimento de objetos morais ou da observação de regras éticas; a noção da "unidade da ciência", nos termos da qual as ciências sociais e as ciências naturais partilham a mesma fundamentação lógica e até metodológica. BOAVENTURA, 52.

Linguística Aplicada abre espaço para repensarmos o conceito de ciência no âmbito dos estudos da linguagem ao mesmo tempo que promove deslocamentos dos conceitos de língua, linguagem, leitura, escrita, dentre outros temas desta natureza. Na esteira desta abertura trazemos para a reflexão a crítica derridiana ao signo saussuriano buscando ampliar as discussões.

Apontamos neste trabalho que, muito do arcabouço teórico que a disciplina cria para si, pode ser relacionado com os pressupostos pós-estruturalistas, nos quais, divisas, objetos e métodos são maleáveis e as relações discursivas e de poder fazem parte do fazer científico, em outras palavras, uma vez que há linguagem, discurso, não há como sustentar a neutralidade da ciência e a separação pura e simples entre sujeito e objeto.

A LA surge tendo como foco as pesquisas: "sobre ensino de línguas estrangeiras e hoje se configura como uma área imensamente produtiva, responsável pela emergência de uma série de novos campos de investigação transdisciplinar, de novas formas de pesquisa e de novos olhares sobre o que é ciência" (MENEZES, 2009, pg. 01). No entanto, a Linguística Aplicada ficou por muito tempo com a obrigação e caracterização de aplicar teorias linguistas que eram baseadas em metodologias das ciências naturais, metodologias que não davam conta de responder a questionamentos que a própria linguística aplicada encontrava.

> Como é possível pensar que teorias linguísticas, independentemente das convicções dos teóricos, poderiam apresentar respostas para a problemática do ensinar/aprender línguas em sala de aula? Uma teoria linguística pode fornecer uma descrição mais acurada de um aspecto linguístico do que outra, mas ser completamente ineficiente do ponto de vista do processo de ensinar/aprender línguas. (MOITA LOPES, 2008, p.18).

Embora muitos pesquisadores neguem a necessidade de rompimento com a tradição, percebe-se que a Linguística Aplicada traz à tona outra variedade epistemológica e metodológica que não só põe em xeque a linguística "dura", mas põe em crise também o próprio modo de se fazer ciência. Segundo Moita Lopes (2008) se deve pensar outras maneiras de teorizar e fazer Linguística Aplicada, na qual o fazer científico seja voltado para a aplicação.

No livro *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar* (2008) organizado pelo autor supracitado fica evidente a articulação acadêmica em prol de um novo modelo de

ciência. Embora, na introdução da obra Moita Lopez aponte para uma flexibilidade na posição que cada pesquisador deva escolher na sua pesquisa acadêmica no que diz respeito à pesquisa em LA, fica patente a sua decepção com o paradigma anterior que direcionava o fazer científico dos pesquisadores em LA.

> Começar um livro cujo objetivo é apontar novos direcionamentos para uma área de pesquisa em que se trabalha é um empreendimento difícil, uma vez que está implícita em tal proposição uma insatisfação em relação ao modo como as coisas estão nesse campo, ainda que se fale como um pesquisador de dentro dessa área e se discorde dos próprios percursos anteriores de investigação. O ponto a que estou me referindo tem a ver, portanto, com o desejo de propor uma mudança possível do curso do barco em uma área de investigação, sem pular fora dele, ao mesmo tempo em que se contempla a hipótese de que nem todos têm que tomar o mesmo barco (MOITA LOPES, 2008, p. 14).

Questões essenciais se colocam neste debate: quais são os novos direcionamentos para a LA? Que pressupostos epistemológicos norteiam o fazer científico dessa disciplina? A LA é uma disciplina ou um campo de conhecimento? Quais os novos compromissos que a LA coloca em sua agenda? Ainda na introdução, Moita Lopez (2008) indica a impossibilidade de moldar os pesquisadores, no que diz respeito ao modo de pensar de cada um, diz ainda que seria uma contradição querer homogeneizar as ações de cada cientista quando, na verdade, o que defendem é um "sujeito social heterogêneo". Nesse sentido, tece exemplos de discordâncias de opinião entre os colegas que contribuíram para a formulação do livro.

> De fato, na pesquisa como na vida social, raramente, os pesquisadores/as pessoas se amoldam em formas ou pensam homogeneamente. Seria incongruente com a proposta abaixo de um sujeito social heterogêneo e de uma LA continuamente auto-reflexiva (veja a posição de Pennycook, neste volume, sobre LA como prática problematizadora), argumentar diferentemente. Além disso, Rampton (1997) indica que a LA está se tornando um "espaço aberto" ou com "múltiplos centros" (Rampton neste volume), no qual se encontram concepções similares e divergentes em LA. Note-se, porém, o lamento expresso por Davies (1999:141) em relação à desistência da construção de um projeto de uma LA unificada e coesa, que a visão de Rapton (1997), como de fato a de outros pesquisadores, neste livro, indica (MOITA LOPES, 2008, p. 15).

No entanto, Moita Lopez não tem como negar que seguem juntos, no que se refere a dois pontos importantes para o surgimento duma nova ciência: o arcabouço teórico e os pressupostos epistemológicos. Todos os autores que contribuíram para a construção do volume se apoiam em pressupostos pós-estruturalistas e caminham em direção dum conhecimento interdisciplinar. Nesse itinerário, percebe-se uma crítica ao modo de fazer ciência anterior e a arquitetura dum novo horizonte para a LA. Os novos problemas que surgiam na sala de aula, no ensino de uma língua materna, por exemplo, não eram explicados por teorias que nem sequer poderiam ser modificadas pela prática. Questionar esse perfil positivista significa levar em consideração o que está fora da lógica: teoria - objeto de pesquisa, na qual a teoria permaneceria como norteadora.

> Essa lógica da interdisciplinaridade possibilita então à LA escapar de visões preestabelecidas e trazer à tona o que não é facilmente compreendido ou que escapa aos percursos de pesquisa já traçados, colocando o foco da pesquisa no que é marginal. Foi assim que o problema de pesquisa passou a ser construído interdisciplinarmente e a relevância desse enfoque na problematização de questões de uso da linguagem dentro ou fora da sala de aula começou a ser levantada (MOITA LOPES, 2008, p. 19).

Mais do que problematizar o modo de se fazer ciência, a LA traz à tona o viés político – ideológico da ciência colocando por terra o ideal iluminista da neutralidade da ciência. “Politizar o ato de pesquisar e pensar alternativas para a vida social é parte intrínseca dos novos modos de teorizar e fazer LA. Assim, a LA necessita da teorização que considera a centralidade das questões sociopolíticas e da linguagem [...]” (MOITA LOPES, 2008, p. 22). É nesse trilho sociopolítico que os pesquisadores da LA aprofundam suas críticas à ciência moderna reivindicando uma revisão epistemológica - metodológica tornando possível uma nova maneira de entender o mundo social e suas implicações.

> [...] a possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etinia, gênero, sexualidade, nacionalidade etc. Esse percurso parece essencial, uma vez que tais vozes podem não só representar alternativas para entender o mundo contemporâneo como também

> colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado, ao mesmo tempo em que redescreve a vida social e as formas de conhecê-la. (MOITA LOPES, 2008, p. 27).

Vê-se que temos duas correntes, duas comunidades acadêmicas num confronto direto, cada uma defendendo seu paradigma. De um lado os adeptos da LA "dura" que segue os preceitos positivistas, estruturalistas, baseado nos ideais iluministas da ciência moderna. Do outro lado, temos a LA fluida, baseada nos pressupostos pós-estruturalistas, que entende o sujeito como sujeito social, heterogêneo. Note-se que a questão neste momento não é só o paradigma a ser utilizado na pesquisa científica, mas também o próprio paradigma do que é ciência. O confronto se dá em níveis que só encontramos em períodos revolucionários, períodos estes que são construídos paulatinamente até chegar ao seu apogeu que se caracteriza pela mudança total ou parcial do paradigma. Esse momento demanda pesquisas e reflexões acerca de que bases epistemológicas se assentarão essa nova vertente da LA. A desconstrução derridiana pode contribuir nessa empreitada. Nosso intento nessa pesquisa é discutir como a desconstrução pode ser utilizada como arcabouço teórico desta LA fluida.

A LA crítica redimensiona a relação ciência – sociedade, no que diz respeito à linguagem, trazendo à tona um novo tratamento epistemológico. Quer dizer, o cientista não é mais um ser onisciente que vai até a comunidade comprovar suas teses ou de lá tirá-las. Existe uma responsabilidade em relação ao outro que passa por um posicionamento ético que não permite ver o indivíduo como mero rato de laboratório, quer dizer, a ciência não estaria acima da sociedade, não poderia se basear na dicotomia fatos x valores. Rajagopalan alfineta os linguistas que ainda estão presos à velha tradição apontando a falta de compromisso com as questões de ordem prática:

> O desinteresse, da parte dos linguistas, por assuntos relativos à política linguística e a outros tantos temas de interesse prático pode ser creditado a um princípio fundador da própria disciplina – a saber, o da neutralidade do cientista em relação a questões de ordem ética, e portanto, *a fortiori*, política. Ética envolve, como se sabe, valores. Já a ciência, de acordo com certa tradição fortemente arraigada entre nós, lida com fatos. E, segundo essa mesma cartilha, os fatos e os valores não se misturam. Ou seja, é com base em certa visão do que vem a ser uma ciência [...] que o linguista se afastou das questões práticas relativas à linguagem, sobretudo daquelas que envolviam juízos de

> valor, como é o caso da política linguística. (RAJAGOPALAN, 2008, p. 155).

A crítica de Rajagopalan soma-se ao novo tratamento que se deve dar à linguagem. Aprofundando, se obsevarmos as duas comunidades científicas que se enfrentam no cenário atual teremos como objeto polarizador dois pontos fundamentais, a saber: o modo como cada comunidade científica acolhe a linguagem e qual método cada comunidade adota para tratá-la enquanto objeto de estudo. Desse modo, temos a comunidade que encara a linguagem, prioritariamente, como abstrata, pré-dada, baseada num idealismo logocêntrico, caracterizada enquanto objeto autônomo. Do outro, temos a comunidade que trata a linguagem como produto da interação dos homens, ou seja, linguagem e identidade em confluência possibilitam a língua.

Gostaria de usar como exemplo trechos duma entrevista de Rajagopalan exposta no livro *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística.* Embora seja um livro introdutório a pequena entrevista traz direcionamentos epistemológicos importantíssimos. Quando perguntado: qual a relação entre língua, linguagem e sociedade? Rajagopalan dá a seguinte resposta:

> Nesta relação, evidentemente, uma coisa não está desatrelada da outra. Eu cada vez mais tenho defendido, enquanto pesquisador, linguista e professor, a hipótese de que na linguística, de uns tempos para cá, vários erros graves têm sido cometidos ao se tentar desvincular a linguagem da sociedade e da história, criando-se um objeto. Por mais que Saussure tenha feito a coisa certa, chegou a hora de repensar grandes questões da linguística, inclusive questões do que vem a ser língua. Língua, para mim, está longe de ser um objeto e muito menos um objeto pronto e acabado. Língua é algo que a gente cria e molda à medida que se vai falando. Língua é um abstrato *a posteriori.* (RAJAGOPALAN, 2003, p.175)

Quando questionado sobre a cientificidade da linguística Rajagopalan, um dos principais pesquisadores no Brasil radicaliza sua crítica ao modelo de fazer ciência vigente e ao modo como a Linguística trata a linguagem. Nessa resposta os espaços estão bem demarcados, a ciência moderna e a linguística “dura” dum lado e a ciência pós-estruturalista e a Linguística Aplicada doutro.

> [...] Que tipo de ciência é essa? Dane-se a ciência, dane-se a linguística. Esses rótulos servem apenas para cercear a nossa liberdade de pensar sobre a linguagem da forma que achamos mais conveniente e mais interessante num dado momento histórico! De que adianta sermos cientistas, se isso não nos deixa buscar a nosso contento novas formas de pensar a linguagem?[...] É sobre linguagem que temos que pensar, porque quando falo que a linguagem é uma questão política, quero dizer que isso não é uma coqueluche teórica, mas que a linguagem mexe com a nossa vida diária. [...] A língua é política, quem pensa sobre língua está intervindo numa relação que é eminentemente política (RAJAGOPALAN, 2003, p.179).

A comunidade científica da Linguística Aplicada que se baseia na transdisciplinaridade, na interdisciplinaridade, na LA mestiça, hibrida, contemporânea, transgressiva prepara, põe em ação um projeto que desloca os problemas da linguagem para o campo social. Tensiona o modelo científico que separava a teoria da prática e traz à tona problemas que antes não eram vistos como problemas linguísticos. Esse tensionamento redimensiona a natureza da linguagem; da língua. Tira-as das alturas, dos invólucros metafísicos e coloca-as no âmago da sociedade, no qual língua, linguagem e cultura deixam de ser conceitos e passam a ser constructos da interação dos falantes na sua vivência de mundo.

> O projeto que vejo como parte de uma agenda ética de investigação para a LA envolve crucialmente um processo de renarração ou redescrição da vida social como se apresenta, o que está diretamente relacionado à necessidade de compreendê-la. Isso é essencial para que o linguista aplicado possa situar seu trabalho no mundo, em vez de ser tragado por ele ao produzir conhecimento que não responda às questões contemporâneas em um mundo que não entende ou que vê como separado de si como pesquisador: a separação entre teoria e prática é o nó da questão (MOITA LOPES, 2008, p.90).

O projeto proposto por Moita Lopes representa os interesses duma comunidade acadêmica insatisfeita com o rumo que a ciência tomou nas últimas décadas e com ela *a fortiori* a linguística e suas subáreas. Quando Moita Lopes diz que defende “um projeto epistemológico com implicações sobre a vida social” (MOITA LOPES, 2008, p. 91) institui na verdade uma resposta à crise que a comunidade acadêmica anterior não dava mais conta. Os pesquisadores da Linguística tradicional não davam mais conta de

responder seus quebra-cabeças, as anomalias geradas dentro do paradigma desarticulou não só a linguística em si, mas também, o modo de fazer ciência.

Acredito que passamos por uma fase de transição, na qual a batalha entre as comunidades acontecem a toda força. No entanto, fica evidente nos manuais, nas linhas de pesquisas de algumas universidades, nas empresas de fomento cientifico o apoio à linguística aplicada crítica, pois esta parece estar mais conectada com os problemas do seu tempo. Afinal, consegue dar conta de problemas relacionados à identidade, cidadania, sexualidade, língua dentre outras questões práticas que açoitam o pesquisador no seu fazer científico. Em contra partida, a linguística "dura" passa por um momento de crise principalmente nos EUA, mas que deve chegar aos países do sul.

> Há uma sensação crescente mundo afora de que a ciência da linguagem – a "rainha das ciências humanas" de outrora – já que na mesma situação de décadas atrás, quando a área era agraciada, sobretudo nos Estados Unidos da América, por vultuosos volumes de verba pública para projetos de pesquisa básica, tornando-se até objeto de inveja por parte dos pesquisadores de áreas conexas. Já há claros sinais de desgaste e desprestígio, refletidos tanto no número minguante de novos alunos ingressantes nos programas de pós-graduação nos Estados Unidos, como também de novos postos de trabalho para os que se formam a cada ano (RAJAGOPALAN, 2008, p.150).

Diante de tal constatação a pergunta que se faz é: chegou a hora da revolução? Infelizmente não temos como responder esta pergunta. Estamos no meio do furacão, a contenda entre as duas comunidades segue seu ritmo descompassado e em movimento espiral. Muitos cientistas duma comunidade utilizam pressupostos da outra, outros não tomam partido e seguem esguios pelo embate. No entanto, já percebemos mudanças. Não há mais como não problematizar o conceito de língua, cientistas da comunidade tradicional cada vez mais se questionam sobre o fenômeno da linguagem tendo uma perspectiva epistemológica social mesmo não priorizando estas características. Os cidadãos exigem cada vez mais que os acadêmicos rompam as barreiras da academia e dialoguem com os indivíduos em sua vivência de mundo.

Parece-me que a Linguística Aplicada poderá resolver essa demanda. Basta-lhe somente mais um passo, o passo revolucionário, é preciso superar o signo. Pois, segundo Derrida o signo é a base da linguagem metafísica. A maneira como ele foi

construído historicamente reflete nas impossibilidades de avanço da LA, afinal, a forma como significado e significante se relacionam prioriza o significado em detrimento do significante. Este processo conduz toda nossa forma de conhecer, quer dizer, só conheço o ser em relação de rebaixamento do não-ser. Tal postura metodológica limita as possibilidades da linguagem e clausura o conhecimento entre a origem e um fim.

A filosofia derridiana pode agregar inovações para construirmos na Linguística Aplicada Crítica uma epistemologia que vá além da relação sujeito – objeto proposta pela ciência tradicional. Para que possamos pensar, dentre outros temas caros à área, o que é a ciência no âmbito dos estudos da linguagem. Nos livros A *Gramatologia* (2008), *A escritura e a diferença* (2009) e *A voz e o fenômeno* (1994) podemos encontrar o projeto derridiano de desconstrução da filosofia. Tal projeto consiste na inversão e deslocamento das oposições para que haja um rompimento com a tradição metafísica binômica. Com esta finalidade de desconstruir a filosofia Jacques Derrida utiliza a própria tradição filosófica para apontar os estratagemas da metafísica, utiliza a desconstrução para demonstrar como a linguagem teve suas possibilidades podadas pela metafísica clássica fundada pelos gregos e como esta mesma metafísica tradicional orientou o pensamento ocidental na elaboração dum modo de pensar baseado no *logos* e numa estrutura dicotômica na qual um conceito se faz presente em detrimento de outro. Segundo Haddock-Lobo:

> O *deslocamento* da desconstrução se dá quando, ao mesmo tempo, se respeita e se desordena a "ordem interna" de um texto. Desse modo, *desconstruir* a *filosofia* seria pensar a genealogia estrutural de seus conceitos da maneira mais fiel e, nesse sentido, mais interior; ao mesmo tempo, seria também determinar a partir de certo exterior, por ela inqualificável, inominável, aquilo de que essa história foi capaz de dissimular ou interditar (ao se fazer história por meio dessa repressão, de algum modo, interessada) (HADDOCK-LOBO, 2008, pg.22).

Nesse sentido, a presente pesquisa pretende apontar alguns dos instrumentos utilizados por Derrida para mostrar o trabalho desconstrucionista e como a desconstrução implica a necessidade de se repensar o modo de fazer ciência, pois, acreditamos que o legado da obra de Jacques Derrida dará novo fôlego aos estudos da linguagem, particularmente à Linguística Aplicada Crítica, pois nesse âmbito linguagem e língua participam duma interface na qual a linguagem não é só um meio abstrato de

entendimento de mundo, nem um constructo do indivíduo no mundo. Ela é a relação entre esses dois mundos.

Para entendermos como se dá o trabalho desconstrucionista abordaremos a crítica derridiana ao signo saussuriano, a proposta representacional mimética, a crítica à fenomenologia husserliana e à problematização do conceito de estrutura dentre outros aspectos que se evidenciem na linguagem. Veremos como Derrida utiliza a desconstrução para denunciar a violência metafísica que estruturou a linguagem alicerçada na representação de um signo que levaria na fala seu valor de verdade, ao *logos*. Mostraremos como o entrelaçamento das críticas supracitadas desemboca numa mesma teia argumentativa, apontando como Derrida usa-os como instrumentos para desconstruir postulados cristalizados pela tradição.

Derrida confronta a tese metafísica do modelo saussuriano, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de novos instrumentos para lidarmos com o que chamamos de "ciência". A *Gramatologia* (2008) evidencia muito claramente a necessidade de ir além das proposições de Ferdinand Saussure, ou seja, o que o filósofo trará para o jogo é que a faculdade arbitrária do signo permitirá que ele seja extremamente revolucionário. Por não seguir uma lógica natural o signo traz em si recursos para a instabilidade do sistema linguístico proposto por Saussure, sistema este que representa toda uma tradição metafísica.

Segundo Saussure o signo é formado pela combinação de dois elementos: conceito e imagem acústica, respectivamente, significado e significante, e se sustenta sobre a base da convenção, e, portanto, da arbitrariedade: "Assim, a ideia de "mar" não está ligada por relação alguma interior à sequencia de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequencia (...)" (SAUSSURE, 1989, pg. 81). Dada esta situação pergunta-se: Quais as consequências dessa arbitrariedade do signo? Como Derrida entende essa problemática tendo como mirante os pressupostos desconstrucionistas?

Derrida encontra na arbitrariedade do signo a possibilidade de problematizar a violência metafísica na linguagem e utiliza a *escritura* para afirmar a linguagem enquanto remetimentos de significantes.

> Tudo que há agora são remetimentos de significantes a significantes, sem que esta ordem de remetimentos se estanque no significado. Esta ordem sem fim de remetimentos de significante a significante, que não atinge repouso na desocultação final de um significado primeiro, constitui o que Derrida, em seus primeiros trabalhos, chamou de *jogo*. Estas duas ideias, indissociáveis uma da outra, de "ausência de significado" e de "jogo", nos permitem situar este novo "cenário" que, como diz Derrida na *Gramatologia*, começa a se configurar e que diz respeito à liberação da escritura (DUQUE-ESTRADA, 2002, pg. 18).

Derrida (2008) aponta a noção de *escritura* com a seguinte característica: "tudo aquilo que manifestava tendência e conseguia finalmente reunir-se sob o nome de linguagem começa a deixar-se deportar ou pelo menos resumir sob o nome de escritura" (DERRIDA, 2008,pg. 8). A *escritura* teria o papel de romper a estrutura metafísica ocidental onde as posições binárias são utilizadas para manter a hegemonia de um conceito em detrimento do outro. Nessa empreitada, Derrida cria novos conceitos, ou melhor, *quase-conceitos*, para demonstrar a fragilidade do pensamento ocidental. Nesse ínterim, seu pensamento indica uma libertação. Uma quebra de paradigma que nos permite por a LAC para além da oposição fala – escrita e admitir junto com Derrida que a *escritura* guarda em si um movimento libertário que lhe sendo próprio sempre se atualiza independentemente do esforço da apropriação que se percebe quando tentamos hierarquizar os conceitos. Nosso intento é construir uma interface entre a LAC e a filosofia de Derrida. Acreditamos que a desconstrução proporcionará um arcabouço teórico para a formatação duma LAC, pois, a filosofia derridiana questiona o próprio conceito de linguagem e seu principal alicerce, o signo.

Como se dá esse movimento em direção da desconstrução do conceito de linguagem? Como Derrida arquiteta seu pensamento desconstrucionista para que este não seja um mero opositor da linguagem tradicional, mas um convite para captar não só discurso, mas o que nele se inscreve como força própria do pensamento? Essas perguntas tomam fôlego e exigem o estudo de outros textos derridianos, nos quais, o autor aponta como a metafísica se apresenta das mais variadas maneiras, às vezes até mesmo enquanto crítica. Quer dizer, a própria crítica a metafísica está direcionada por pressupostos da metafísica, principalmente na linguagem. A necessidade de romper esse ciclo passa pela desestabilização do signo, do significado transcendental.

Derrida (1994) problematiza o método fenomenológico, observa que a uniformidade da primeira das *Recherches* husserlianas se dá graças a análise do duplo sentido da palavra "signo": "A palavra "signo" (*Zeichen*) teria um "duplo sentido" (ein Doppelsinn). O signo "signo" pode significar "expressão" (Ausdruck) ou "índice" (Anzeichen)" (DERRIDA, 1994, pg.10). Porém, antes de propor esta atividade analítica, Husserl desconsidera todo saber formado pela tradição metafísica e define, enquanto atividade metodológica, a "ausência de pressuposições (*Voraussetzungslosigkeit*), quer venham da metafísica, da psicologia ou das ciências da natureza" (DERRIDA,1994, pg.10). Diante deste cenário Derrida aponta o caminho que percorrerá para problematizar o método fenomenológico Husserliano. Essa problematização se dará com a hipótese de que no método fenomenológico de Husserl está, na verdade, a própria metafísica noutra roupagem.

> "(...) será que a necessidade fenomenológica, o rigor e a sutileza da análise husserliana, as exigências às quais ela responde e às quais devemos antes de mais nada fazer justiça, não dissimulam, entretanto, uma pressuposição metafísica? Será que não escondem uma aderência dogmática ou especulativa que, certamente, não reteria a crítica fenomenológica fora de si mesma; não seria um resíduo de ingenuidade desapercebida, mas *constituiria* a fenomenologia em seu íntimo, em seu projeto crítico e no valor instituidor de suas próprias premissas: precisamente no que ela reconhecerá logo como fonte e garantia de todo valor – "princípio dos princípios" -, isto é, a evidência doadora originária, o *presente* ou a *presença* do sentido a uma intuição plena e originária. Em outras palavras, não nos indagaremos se esta ou aquela herança metafísica pôde, aqui ou ali, limitar a vigilância de um fenomenólogo, mas se a forma *fenomenológica* dessa vigilância já não está comandada pela própria metafísica."(DERRIDA, 1994, pg. 11).

A análise fenomenológica da pressuposição metafísica cai num ato contraditório, pois, desbancar a metafísica, colocá-la sob vigília para construir um conhecimento seguro, nada mais é que uma arquitetura epistemológica, uma teoria do conhecimento. A questão é que "conhecimento" e "teoria do conhecimento" são pressupostos metafísicos. Ora, é nesta contradição que se explicitará a metafísica no seu grau mais acabado, perceber-se-á que o limite da crítica à metafísica é o limite do arcabouço teórico da tradição metafísica. Para tal atividade de acusação e redenção, Derrida utilizará o conceito de signo. O signo enquanto lupa nos mostrará as *aporias* no

interior da fenomenologia e dinamizará o conceito de metafísica no qual se deve operar.

A metafísica pôde se revestir das mais variadas maneiras durante séculos, no entanto, dois elementos da sua natureza não se alteram, a saber: seu modo de representação e sua estrutura. São nesses pontos que a desconstrução aparece com mais força, nesses pontos que a *différance* (2002) se mostra. Derrida (2009) utilizando o pensamento artaudiano, questiona o limite da representação tradicional tendo como instrumento a crítica de Artaud ao teatro clássico, quer dizer, segundo Derrida o teatro clássico é baseado no texto, texto que permite a encenação o caráter derivado de ilustração do texto. O texto aparece enquanto *logos*, enquanto origem que permite a repetição, a iterabilidade. O texto re-presenta a própria encenação, toma o lugar da mesma, processo que não por coincidência, acontece no signo. Cabe-nos explanar a relação entre signo transcendental e o limite da representação clássica explicitada pelo filósofo franco-argelino.

O modelo de representação da metafísica ocidental tem relação direta com, ou ainda, faz parte do arcabouço estrutural da linguagem no seu molde clássico. O signo, assim como a cena tem seu papel libertário neutralizado pela estrutura clássica, na qual o centro se ausenta da estruturalidade e se torna presente apenas no direcionamento da estrutura, fato que resume as correspondências a um único sentido. Sentido que se repete e põe em segundo plano outros aspectos da linguagem. Ora, Derrida põe em xeque a centralidade da estrutura apontando as limitações do estruturalismo.

Segundo Derrida: “a estruturalidade da estrutura, embora tenha sempre estado em ação, sempre se viu neutralizada, reduzida: por um gesto que consistia em dar-lhe um centro, em relacioná-la a um ponto de presença, a uma origem fixa” (DERRIDA, 2009, pg. 407). Entenda, essa neutralização é a principal ação do projeto metafísico, quando tratarmos do logocentrismo, do falocentrismo, do etnocentrismo estaremos tratando da anulação da estruturalidade da estrutura. A metafísica “inventou” um centro fora da sua estruturalidade, um centro presente – ausente para construir um modelo de pensamento, um modo de conhecer que anula o jogo tal como referido anteriormente por Duque Estrada.

O logocentrismo, falocentrismo e o etnocentrismo dependem do tratamento que se dá ao signo. Derrida nos mostra o papel revolucionário que o signo poderia exercer na linguagem se não fosse cerceado pela linguística saussuriana. Cabe-nos explicitar a

crítica derridiana ao signo saussuriano demonstrando como a tradição metafísica se faz presente com o significado transcendental e como a linguística reitera os pressupostos da metafísica quando utiliza somente a parte estrutural e abstrata da língua em detrimento da parte social. Assim como leva em consideração a fala como imagem do próprio signo em detrimento da escrita que será tratada como cópia, como aparência.

Existirá a possibilidade de uma ciência que não trilhe o caminho da metafísica ocidental? Existirá a possibilidade de um conhecimento que redimensione as ferramentas desta ciência positivista? Derrida utilizará a desconstrução para apontar os limites desta ciência. Utilizará a desconstrução para demonstrar como a metafísica se metamorfoseia para garantir o seu discurso dicotômico e essencialista.

3. DESCONSTRUÇÃO DO SIGNO E DA LINGUÍSTICA COMO CIÊNCIA.

> Desejaríamos principalmente sugerir que, por mais necessária e fecunda que seja a sua empresa, e ainda que, na melhor das hipóteses, ela superasse todos os obstáculos técnicos e epistemológicos, todos os entraves teológicos e metafísicos que até agora a limitaram, uma tal ciência da escritura corre o risco de nunca vir à luz como tal e sob esse nome. De nunca poder definir a unidade do seu projeto e do seu objeto. De não poder escrever o discurso do seu método nem descrever os limites do seu campo. Por razões essenciais: a unidade de tudo o que se deixa visar hoje, através dos mais diversos conceitos de ciência e da escritura, está determinada em princípio, com maior ou menor segredo mas sempre, por uma época histórico-metafísica cuja *clausura* nos limitamos a entrever. Não dizemos: cujo *fim*. As ideias de ciência e escritura – tem sentido para nós apenas a partir de uma origem e no interior de um mundo a que já foram atribuídos um certo conceito de signo (diremos mais adiante: *o* conceito de signo) e um certo conceito das relações entre fala e escritura. Relação muito determinada apesar do seu privilégio, apesar de sua Necessidade e da abertura de campo que regeu durante alguns milênios, sobretudo no ocidente, a ponto de hoje nele poder produzir sua descolocação e denunciar, por si mesma, seus limites. (DERRIDA, 2008, p. 5)

Uma ciência da linguagem nunca dará conta da linguagem, pois a ciência traz em si uma determinação metafísica que restringe as possibilidades da língua. Tal restrição foi moldada por milênios, mas o que estava *fora* sempre existiu enquanto denúncia. Os textos discutidos neste capítulo correspondem entre si e propõem uma soldadura de considerações no que diz respeito ao modo como a desconstrução se insinua na crítica derridiana a metafísica ocidental no que tange aos pressupostos filosóficos que norteiam o estudo da linguagem.

Na *Carta a um Amigo Japonês* (1998) Derrida promete explicar o que é a desconstrução, no entanto, como método pedagógico só consegue explicar o que a desconstrução não é. Nesse sentido, temos as seguintes negativas: a desconstrução não é uma análise, não é uma crítica, não é um método, não é um ato ou operação.

> Não é uma análise, em particular, porque a desmontagem de uma estrutura não é uma regressão em direção ao *elemento simples*, em direção a uma *origem indecomponível*. (...) Não é também uma crítica, em sentido geral ou em sentido Kantiano. (...) A desconstrução não é um método e não pode ser transformada em método. (...) Seria

> preciso, também, especificar que a desconstrução não é sequer um *ato* ou *operação* (DERRIDA, 1998, pg. 24).

Segundo Derrida a desconstrução: "tem lugar, é um acontecimento que não espera a deliberação, a consciência ou a organização do sujeito, nem mesmo da modernidade. *Isso se desconstrói*" (DERRIDA, 1998, pg. 25). A desconstrução se define numa *aporia*: a desconstrução é tudo, a desconstrução é nada. A desconstrução acontece. A desconstrução nos leva para o *indecidível*, o não-lugar no qual a metafísica é abalada constantemente. Qual o problema em questão? A metafísica é alicerçada em binômios, por exemplo, ser e não-ser, só conheço um detrimento do outro, quer dizer, só conheço o ser excluindo o não-ser. A ciência moderna utiliza pressupostos epistemológicos desta metafísica, ou seja, para conhecer é necessário delimitar uma área e um objeto, sendo que, o sujeito deve se manter afastado do objeto em questão. No que diz respeito a linguagem não é diferente, a língua ultrapassa a barreira da fala, no entanto, a linguística, com o objetivo de domesticá-la, eleva a fala a uma condição de destaque em dois níveis. Primeiro, o signo (significado - significante) é posto como significado do significado, ou seja, a fala é o próprio pensamento – *logos*. Segundo, como a fala é o *logos* cabe à escrita o lugar da aparência e por ser aparente ela é aviltada, colocada fora da linguagem. Nesse âmbito que a desconstrução opera e Derrida a utiliza para apontar os limites da linguística, da ciência e da metafísica.

A análise derridiana das obras da tradição filosófica não tem um método, no entanto quando perguntado sobre qual percurso seguir, no que diz respeito ao estudo das suas primeiras obras Derrida dá a seguinte resposta no livro *Posições* (2001): "Pode-se tomar a *Gramatologia* como um longo ensaio articulado em duas partes (...), no meio do qual se poderia inserir *A escritura e a diferença.* (...) *A voz* viria em primeiro lugar" (DERRIDA, 2001, pg. 10). Esta resposta não é um método de leitura, mas objetiva apontar para uma complementação textual que não se completa, mas que, se retroalimenta e que permite um vislumbre maior do alcance desconstrucionista. Desta maneira, procuramos trabalhar as questões fundamentais do pensamento derridiano interseccionando os textos, propondo a construção dum sistema aberto.

Pode-se ler nos textos de Derrida a denúncia dos sintomas da desconstrução. O modelo de linguagem arquitetado pela metafísica tradicional delimitava e dissimulava a capacidade libertadora da linguagem. O filósofo analisa como o programa metafísico

neutralizou e rebaixou a escrita para favorecer a voz enquanto presença, essa atitude nada tem de inocente, utiliza-se de violência e sofisma para manter um modo de pensar em detrimento do outro.

> Ora, pode-se seguir o tratamento da escrita como um sintoma particularmente revelador, de Platão a Husserl, por vezes ao próprio Heidegger, e, *a fortiori*, em todos os discursos modernos, frequentemente os mais fecundos, que se mantêm aquém das questões husserlianas e heideggerianas. Um tal sintoma é necessariamente e estruturalmente dissimulado, por razões e vias que tento analisar. E se ele hoje é descoberto, não é, de forma alguma, por um achado feliz ou menos engenhoso e do qual alguém aqui e acolá, pudesse ter a iniciativa (DERRIDA, 2001, pg. 13).

A linguagem não cabe na metafísica. A linguagem não cabe na ciência. *A voz e o fenômeno* (1994) denuncia essas impossibilidades e faz parte dum projeto que tenciona desestruturar o arcabouço teórico da metafísica tradicional. Derrida utiliza o conceito de signo para demonstrar como as impossibilidades supracitadas foram colocadas embaixo do pano em prol dum projeto fonocêntrico, logocêntrico e etnocêntrico, pois teria como suporte a voz, a razão e a totalidade fonética.

> Tratar-se-ia, pois, a partir do exemplo privilegiado do conceito de signo, de ver a crítica fenomenológica da metafísica anunciar-se como momento no interior da segurança metafísica; melhor ainda: de começar a verificar que o recurso da crítica fenomenológica é o próprio projeto metafísico em sua conclusão histórica e na pureza, apenas restaurada, de sua origem.”(DERRIDA, 1994, pg. 11).

Ainda na introdução, Derrida explana o erro metodológico e estratégico de Husserl, pois, a crítica husserliana à metafísica tem como objetivo não uma superação da mesma, mas a desinfecção da metafísica autêntica que está contaminada pelo vírus especulativo. Para extirpar este vírus Husserl denuncia esta metafísica “degenerada” em prol duma metafísica pura advinda dum arcabouço teórico e metodológico da filosofia primeira. Segundo Derrida a atividade husserliana de apontar os erros e perversões da metafísica “degenerada” tem como objetivo garantir uma *idealidade*, uma forma ideal. No entanto, essa idealidade carrega em si um problema: ela se autoproduz, se re-produz

em sua própria *idealidade*. Isso quer dizer que sua *arché* e seu *telos* não têm nenhuma ligação com a realidade pelo contrário move-se em si e para si indefinidamente na sua *presença*. O que isso quer dizer? A *idealidade* husserliana, embora tente promover uma crítica a metafísica da *presença*, reproduz a sua lógica, pois, na crítica encontra-se a própria metafísica, afinal, o monólogo que acontece na consciência tem como base o signo. Também neste caso o signo se auto define como *significado transcendental* fixo no *logos*.

> [...] há sempre uma espécie de cegueira diante do modo autêntico da *idealidade*, aquela que é, que pode ser *repetida* indefinidamente na *identidade* da sua *presença* pelo próprio fato de que ela *não existe*, não é *real*, é *irreal*, não no sentido da ficção, mas em outro sentido que poderá receber vários nomes, cuja possibilidade permitirá falar da não-realidade e da necessidade da essência, do noema, do objeto inteligível e da não-mundanidade em geral. Essa não-mundanidade não sendo outra mundanidade, essa idealidade não sendo um existente caído do céu, a sua origem será sempre a possibilidade da repetição de um ato produtor (DERRIDA, 1994, pg. 12).

A existência duma forma ideal garante a possibilidade de revivescência e previsão de toda repetição, a *idealidade* da *idealidade* é a própria realidade transcendental, "é o *presente vivo*, a presença a si da vida transcendental" (DERRIDA, 1994, pg.12). Será nesse âmbito que se justificará profundamente a oposição forma e matéria, oposição que inaugurou a metafísica. Ou seja, a procura do "conhecimento último" proposta pela fenomenologia husserliana não só fortaleceu a metafísica como mostrou-se, em todos os passos, dirigida por ela. Derrida observa este problema: "Observemos apenas, para precisar nossa intenção, que a fenomenologia nos parece atormentada, senão contestada, internamente, por suas próprias descrições do movimento da temporalização e da constituição da intersubjetividade" (DERRIDA, 1994, pg.13). O ponto de intersecção que une os movimentos de temporalização e da constituição da intersubjetividade carrega em si a Necessidade (*necessité*) de exteriorização que resiste à forma da presença.

> [...] *em duas palavras*, trata-se: 1. da passagem necessária da retenção para a *re-presentação* (*Vergegenwärtigung*) na constituição da presença de um objeto (*Gegenstand*) temporal cuja identidade possa ser repetida; 2. da passagem necessária pela *apresentação* na relação

> com o *alter ego*, isto é, na relação com o que torna possível também uma objetividade ideal em geral, sendo a intersubjetividade a condição da objetividade e esta só sendo absoluta no caso dos objetos ideais (DERRIDA, 1994, pg. 13).

Vê-se aqui a demonstração de que a modificação da apresentação não vem depois da apresentação, não é resultado dela, pelo contrário, direciona-a *a priori*. Essa aparente inversão metodológica não compromete a necessidade lógica da descrição fenomenológica, nem compromete seu valor originário:

> Trata-se somente de mostrar o espaço original e não empírico de não-fundamento sobre cujo vazio irredutível se decide e se retira a segurança da presença na forma metafísica da idealidade. É nesse horizonte que interrogamos, aqui, o conceito fenomenológico de signo (DERRIDA,1994,pg.13).

Derrida constrói um caminho interrogativo, no qual o signo é posto em evidência e é direcionado por uma *decisão* metodológica assumida por Husserl. Afinal, o fenomenólogo coloca o signo sob o domínio da lógica utilizando-a para perscrutar o alcance, a essência e origem da linguagem. Interrogar a *decisão* metodológica de Husserl implicará num campo discursivo ainda maior: o problema da linguagem.

> No caso presente: como justificar a *decisão* que submete uma reflexão sobre o signo a uma lógica? E se o conceito de signo precede a reflexão lógica, lhe é dado, é entregue a sua crítica, de onde vem ele? De onde vem a essência de signo sobre a qual se regula esse conceito? O que dá autoridade a uma teoria do conhecimento para determinar a essência e a origem da linguagem? (DERRIDA, 1994, pg. 13).

Segundo o filósofo argelino, embora Husserl construísse um arcabouço teórico sofisticado a intersecção entre a linguagem da metafísica tradicional e a linguagem fenomenológica nunca se separaram. O fato de colocar a lógica como elemento norteador do *logos* não afastou-o da tradição pelo contrário reafirmo-a ao essencializar a linguagem “ a partir da logicidade como da normalidade do seu telos. Que esse telos

seja o do ser como presença, é o que queríamos sugerir aqui." (DERRIDA, 1994, pg.14).

A fenomenologia propõe que o *a priori* lógico direcione, dentro do *a priori* geral da linguagem, a linguagem para um *telos*. Derrida tenciona mostrar que esta atitude da fenomenologia ecoa na própria intenção originária da metafísica tradicional. O valor da presença se metamorfoseia sem perder o que é necessário para a sua atividade. Deve-se ter como elemento norteador o fato de Husserl colocar o valor da presença como *telos*, como Ideia, pois: "essa idealidade é a própria forma na qual a presença de um objeto em geral pode, indefinidamente, ser repetida como a *mesma*" (DERRIDA, 1994, pg. 16). Assim como na *Gramatologia* e na *Escritura e a Diferença* Derrida porá na *Voz e o Fenômeno* a linguagem como catalisador da fronteira entre presença e ausência. Será a linguagem que direcionará esse jogo, pois, somente ela pode englobar a *vida* e a *idealidade*.

> Ora, devemos considerar, *por um lado*, que o elemento da significação – ou a substância da expressão – que parece melhor preservar tanto a idealidade quanto a presença viva sob todas as suas formas é a palavra viva, a espiritualidade do sopro como *phonè*; e que, por outro lado, a fenomenologia, metafísica da presença na forma da idealidade, é também uma filosofia da *vida* (DERRIDA, 1994, pg. 16).

A fenomenologia é a própria metafísica da presença e quando Derrida a nomeia filosofia da vida é porque entende que a fonte de sentido existente no método fenomenológico é determinada "como um ato de *viver*, como um ato de ser vivo, como *Lebendigkeit*" (DERRIDA, 1994, pg. 16). A questão é que este ato de viver está imune à redução transcendental e mais, se coloca enquanto guia para o fazer fenomenológico. Assim, mesmo após a suspensão fenomenológica na qual a vida empírica e psicológica é posta em quarentena, Husserl encontra a transcendentalidade de um presente vivo. Derrida aponta que, se levarmos a sério o fato de que o conceito de vida empírica e vida transcendental não tem correspondência entre si e que simplesmente existe uma relação virtual entre ambas, então, resta apenas a possibilidade dessa relação como centro problematizador da questão. O que está em jogo aqui é que no presente vivo já se encontra a repetição, quer dizer, as *expressões* carregam em si a idealidade, enquanto as *indicações* estão comprometidas com as atividades mundanas. Husserl se importa com

as expressões, pois o signo enquanto expressão mostra a repetição na qual é constituído o presente vivo.

Husserl traz à tona o seguinte problema: a linguagem comum e na maioria das vezes a linguagem filosófica tratam o signo como conjunto de dois conceitos de estruturas diferentes, a saber: *expressão* (*Ausdruck*) e *índice* (*Anzeichen*). Estes conceitos carregam em si características próprias. O *índice* nada representa: "ele é como *índice*, privado de *Bedeutung* ou de *Sinn*: *bedeutungslos*, *sinnlos*. Nem por isso é um signo sem significação" (DERRIDA, 1994, pg. 25). Já a *expressão*, segundo Derrida, é um signo linguístico direcionado ao próprio *querer dizer*, ao próprio arcabouço discursivo. Nesse âmbito Husserl direcionará as suas forças, pois, estas expressões se dão na presença a si da consciência, no invólucro que guarda o sentido na sua pureza. Será nesta redução do índice que a filiação a metafísica se revelará. Revelar-se-á enquanto expressão. O que é expressão? "É um signo carregado de *Bedeutung*. Husserl faz a sua definição no quinto parágrafo: *Ausdrucke als bedeutsame Zeichen*. As expressões são signos que "querem-dizer"' (DERRIDA, 1994, pg. 40).

> Os signos não expressivos só querem dizer (*bedeuten*) na medida em que se pode obrigá-los a dizer o que neles se murmurava, o que se queria em uma espécie de balbuciar. Os gestos só querem dizer na medida em que se pode escutá-los, interpretá-los (*deuten*). Enquanto identificamos *Sinn* e *Bedeutung*, tudo o que resiste à *Deutung* não terá nenhum sentido e não será linguagem em sentido estrito. A essência da linguagem é o seu telos, e o seu telos é a consciência voluntária como querer-dizer. A esfera indicativa que permanece fora da expressividade assim definida delimita o fracasso desse telos. Ela representa tudo aquilo que, embora entrelaçando-se com a expressão, não pode ser retomado em um discurso deliberado e permeado de querer-dizer (DERRIDA, 1994, pg. 44).

O que fica evidente é que a expressividade em si se dá num discurso voltado para a consciência, para a percepção interna, pois, só a indicação sobrevém à natureza. A expressão encontra-se *presente a si*. Isso significa que o outro na expressão rebaixa a sua essência e descaracteriza o papel da linguagem.

> A relação com o outro como não-presença é, portanto, a impureza da expressão. Para reduzir a indicação na linguagem e reconquistar enfim

> a pura expressividade é preciso suspender a relação com outrem (DERRIDA, 1994, pg. 49).

Esse monólogo não permite nenhum tipo de comunicação exterior e o sujeito não se apresenta enquanto tal, o que existe é uma representação e uma imaginação do que seria uma manifestação do sujeito. Aprofundando, o objetivo do querer-dizer não é comunicar, o sujeito não conhece nada sobre si e nada a si se manifesta. Derrida aponta que tais afirmações referem-se diretamente ao problema da representação na linguagem e que tal problema tem sua origem no signo.

O signo se apresenta enquanto presente pela expressão, no entanto, este presente já tem um passado e um futuro, pois, está habitada pela repetição. Tal cenário permite que Derrida questione a própria ideia de origem. Como Husserl pode sustentar uma ideia de idealidade, sua iteração, se é a própria iteração, que põe na berlinda a sua essência? Para o filósofo argelino o signo rompe a fronteira entre presença e ausência e traz à tona a *différance*. Nesse sentido, a intuição que se apresenta enquanto origem no arcabouço husserliano, na verdade já é a própria repetição, pois, só há origem quando há repetição. O início e o fim são inacessíveis. O que existe são suplementos e o suplemento é a *différance* na sua suplementaridade.

E aqui Derrida aprofunda sua crítica:

> A diferencia deve ser pensada antes da separação entre o diferir como prazo e o diferir como trabalho ativo da diferença. Evidentemente, isso é impensável a partir da consciência, isto é, da presença, ou simplesmente do seu contrário, a ausência ou a não-consciência. Impensável também como a simples complicação *homogênea* de um diagrama ou de uma linha do tempo, como “sucessão” complexa. A diferença suplementar substitui a presença na sua falta originária a si mesma (DERRIDA, 1994, pg. 99).

A crítica derridiana a fenomenologia husserliana tem sua base no ser como presença, no sujeito a si, nos encadeamentos que buscam a origem, numa estrutura teleológica que tem como agente o signo. O conceito de signo husserliano direciona o programa desconstrucionista, ao tentar diferenciar signos de expressão e signos de indicação, Husserl se contradiz, pois, na tentativa de construir um conhecimento seguro

e sem pressupostos se apoia no signo enquanto presença a si, só que o signo sempre se apresentará enquanto repetição, quer dizer, o signo é sempre o "signo de", está no interior de um encadeamento que sempre se repete. Husserl arquiteta a sua crítica à metafísica especulativa tendo como norte o farol que irradia luzes da própria tradição metafísica; nesse quadro, a desconstrução novamente se apresenta. A crítica derridiana ao projeto Husserliano é uma crítica a metafísica tradicional e faz parte de um projeto muito maior. Tenciona demonstrar as facetas que o modo de pensar da tradição ocidental incorpora para manter sua hegemonia na linguagem.

Segundo Haddock-Lobo o projeto do livro *A voz e o Fenômeno* se inter-relaciona com outros livros e tem como objetivo:

> (...) Apontar a alteridade recalcada pela metafísica da presença, sobretudo no que diz respeito à linguagem e à relação entre fala e escritura. O empreendimento contemporâneo de Derrida, também de 67, de elaborar uma *Gramatologia* partiria de princípios semelhantes. Como se verá, toda a metafísica seria fonocêntrica, logocêntrica e etnocêntrica, pois teria como base a escrita fonética, ou seja, a redução da escrita (exterioridade do *grafema* ou *significante escrito* com relação ao par som/sentido) à idealidade do sentido (ou significado). Esse processo configuraria um apagamento do signo (no intuito de que o significado se manifeste), que traria com o signo as marcas de um logocentrismo (logos como presença, fundamento, querer-dizer), e de um fonocentrismo (primado da voz como presença, como verdade do querer dizer) e de um etnocentrismo (em que toda metafísica torna-se etnocêntrica, pois consiste no primado de toda língua fonética) (HADDOCK-LOBO, 2008, pg. 52).

A voz e o fenômeno (1994) desestabiliza a metafísica da presença, põe em xeque o que a fenomenologia construiu de mais elaborado: a supremacia da voz na consciência. Pois, tal supremacia garantiria o apagamento do signo em benefício do significado, eterna repetição, significado transcendental, *logos* regendo a linguagem. Na *Gramatologia* Derrida também utilizará o problema do signo para apontar a ação da desconstrução e as artimanhas da tradição para conter a tensão entre o *dentro* e o *fora* na linguagem. Nesse sentido, fará uma crítica a formulação estruturalista de Ferdinand Saussure, no que diz respeito as suas fundamentações científicas. Como ponto de partida uma citação:

> Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto lingüístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia que o rosto (SAUSSURE. Curso de Lingüística Geral,2006, pg. 34).

No *Curso de Lingüística Geral* (1989), Saussure coloca a escrita em outro campo e mais, coloca-a numa posição de não verdade, na qual a língua é o ser e a escrita é a aparência. Que significa essa postura? No Livro *Gramatologia* (2008), Derrida aponta os problemas que essa posição acarreta. De acordo com Derrida o pensamento de Saussure segue a tradição que tem início em Platão e Aristóteles, passando por Rousseau, para reaparecer em nosso tempo, sem conseguir, no entanto, evitar as lacunas por onde se insinua a escritura. Uma tradição que "se estreitava ao redor do modelo da escritura fonética e a da linguagem da palavra" (DERRIDA. Gramatologia, 2008,pg. 37).

Para Aristóteles, a *phoné* está contiguamente próxima dos *estados da alma*, os quais revelam os entes por uma semelhança natural. Assim, o *logos*, como primeira convenção, guarda um caráter especial por sua proximidade àquilo que reflete naturalmente as coisas. Para Derrida:

> Se Aristóteles, por exemplo, considera que os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma e as palavras escritas os símbolos das palavras emitidos pela voz, é por que a voz, produtora dos primeiros símbolos, tem com a alma uma relação de proximidade essencial e imediata. Produtora do primeiro significante, ela não é um mero significante entre outros. Ela significa o "estado da alma" que, por sua vez, reflete ou reflexiona as coisas por semelhança natural. Entre o ser e a alma, as coisas e as afecções, haveria uma relação de tradução ou de significação natural; entre a alma e o logos, uma relação de simbolização convencional. E a primeira convenção, a que se referiria imediatamente à ordem da significação natural e universal, produzir-se-ia como linguagem falada. A linguagem escrita fixaria convenções, que ligariam entre si outras convenções (Gramatologia, 2008, pg. 13).

A noção de signo esconde desde sempre o caráter de derivação, tanto na palavra falada quanto na escrita. Porém, o que vemos em toda a herança cultural ocidental é que,

na fala, a característica de derivação, de secundariedade, é dissimulada pela proximidade entre, por exemplo, a voz e os estados da alma em Aristóteles, entre a voz e o significado em Saussure. Quando nos debruçamos sobre o problema da *arbitrariedade do signo*, entendendo signo como: "unidade entre significante e significado, sempre separado e referido a "mesma coisa". (...) não são "naturais", mas instituídos, convencionados desde sempre, sem que se possa apontar o momento desta "convenção" como origem" (HADDOCK-LOBO, 2008, pg.58), percebemos que a fala se apresenta como verdade, pois a proximidade entre a fala e o significado extingue o significante fônico, o significado passa a ser a própria coisa, significado transcendental.

> Em todos os casos, a voz é o que está mais próximo do significado, tanto quando este é determinado rigorosamente como sentido (pensado ou vivido) como quando o é, com menos precisão, como coisa. Com respeito ao que uniria indissoluvelmente a voz à alma ou ao pensamento do sentido significado, e mesmo a coisa mesma (...), todos os significantes, e em primeiro lugar o significante escrito, seria derivado. Seria sempre técnico e representativo. Não teria nenhum sentido constituinte. Esta derivação é a própria origem da noção de "significante". A noção de signo implica sempre, nela mesma, a distinção entre significado e do significante, nem que fossem no limite, como diz Saussure, como as duas faces de uma única folha. Tal noção permanece, portanto, na descendência deste logocentrismo que é também um fonocentrismo: proximidade absoluta da voz, da voz e do sentido do ser, da voz e da idealidade do sentido (DERRIDA, 2008, pg. 14).

Isso é um engano, um engano que diz Derrida, legitima o valor universal da metafísica. O pensador francês evidencia na *Gramatologia* a força do discurso de aviltamento da escrita. Ser cópia implica ser aviltada, pervertida e perigosa, pois tem a capacidade de desviar o sentido, afastando-se da sua fonte, da sua origem: o discurso falado. Da mesma maneira, quanto o fato de ser cópia da cópia, a escrita é preservada na linguística moderna. Saussure também aponta a escrita como algo enganador, indigno, que tenta impor suas normas à linguagem. Porém, avisa Derrida, é com o conceito de signo posto por Saussure que se percebe o esgotamento da manutenção reconciliadora da dicotomia fala/escrita.

> A época do signo é essencialmente teológica. Ela não *terminará* talvez nunca. Contudo, sua *clausura* histórica está desenhada. Um motivo a

> mais para não renunciarmos a estes conceitos é que eles nos são indispensáveis hoje para abalar a herança de que fazem parte. No interior da clausura, por um movimento oblíquo e sempre perigoso, que corre permanentemente o risco de recair aquém daquilo que ele desconstrói, é preciso cercar os conceitos críticos por um discurso prudente e minucioso, marcar as condições, o meio e os limites da eficácia de tais conceitos, designar rigorosamente a sua pertença à máquina que eles permitem desconstituir; e, simultaneamente, a brecha por onde se deixa entrever, ainda inomeável, o brilho do além-clausura. O conceito de signo, aqui, é exemplar (DERRIDA, Gramatologia, 2008, pg. 16).

O que Derrida nos mostrará é que as propriedades do signo tornam-no fortemente subversivo. O seu caráter arbitrário traz em si argumentos para a desestabilização do sistema de oposição proposto por Saussure, sistema este que representa toda uma tradição metafísica. O conceito de signo rompe o sistema, a clausura, e permite questionar a dicotomia fala/escrita. Quer dizer, Saussure não pode caracterizar a escrita como algo enganador e maléfico, afinal, assim como a fala ela está baseada no signo. Se Saussure a desqualifica é porque tenciona manter o valor universal da metafísica que só pode ser compreendida na estruturação das oposições. Derrida nos convida a seguir Saussure na sua desestabilização do conceito tradicional de signo, exigindo, no entanto, um ir além de Saussure. Destarte, Jacques Derrida sugere um novo caminho para a Linguística, rompendo com as delimitações, rejuvenescendo o arcabouço teórico e o objeto de estudo que a compõe.

> (...) uma ciência da linguagem deveria reencontrar relações naturais, isto é, simples e originais, entre a fala e a escritura, isto é, entre o dentro e o fora. Deveria restaurar sua juventude absoluta e sua pureza de origem, aquém, de uma história e de uma queda que teriam pervertido as relações entre o fora e o dentro. Aí haveria, pois uma *natureza* das relações entre signos linguísticos e signos gráficos, e o teórico do arbitrário do signo que dela nos lembra (DERRIDA, 2008, pg. 43).

Encontramos no pensamento saussuriano um problema de ordem metodológica, pois ao mesmo tempo em que demonstra a possibilidade de libertar-se da tradição mediante a *arbitrariedade do signo*, é obrigado a repetir e seguir o mesmo caminho da tradição perpetuando a hierarquia entre fala e escrita. Para Derrida, pelo fato de depender

do conceito de signo, Saussure não pode colocar em prática todas as possibilidades do seu pensamento. O linguista, então confirma a tradição dando continuidade ao desejo de *presença*, desejo de centralidade sem jogo. Saussure, com o objetivo de construir uma ciência que pudesse prever e explicar fenômenos delimita a linguística e põe a língua como objeto de estudo, no entanto, coloca somente a fala como protagonista. *Dentro* da língua somente a fala, porém o *fora* está no *dentro*, pois, segundo Derrida fala e escrita se complementam, não são opostas. O *fora* pressiona e rompe os limites do *dentro*, pois, na língua, fala e escrita são determinadas pelo mesmo conceito de signo (2008). Saussure coloca a escrita em segundo plano e utiliza todo um capítulo para execrá-la com o objetivo de evitar este ataque do *fora*, para evitar que a escrita desestruturasse a estrutura da sua linguística que tem como centro, como objeto de estudo a fala.

> O *fonologismo* é, sem dúvida, no interior tanto da linguística como da metafísica, a exclusão ou rebaixamento da escritura. Mas é também a autoridade atribuída a uma ciência que se deseja considerar como o modelo de todas as ciências ditas humanas (DERRIDA, Gramatologia, 2008, pg. 127).

A fala, a voz é objeto de estudo da fonologia. Seu objetivo é encontrar a estrutura dos fonemas que norteia a fala e sua função na língua. Ora, o *fonologismo* é o suporte da linguística "dura" consequentemente da metafísica da presença, pois neste âmbito a escrita é posta de lado. No entanto, essa ciência da fala só tenta dar conta de uma parte da linguagem e o signo abre possibilidades para muito mais do que isso. Derrida (2009), aprofunda a discussão sobre a capacidade de problematização do conceito de signo, no que diz respeito ao movimento de descentramento dos conceitos da metafísica. Segundo o filósofo este descentramento nunca teve começo, no entanto, se mostra no discurso de vários autores: Nietzsche, Heiddeger, Freud. Todos eles criticaram a metafísica utilizando conceitos da metafísica. Esse movimento tautológico é impossível de ser evitado, pois, não dispomos de outra linguagem que não esteja a mercê da metafísica.

> Para dar um exemplo entre tantos outros: é com a ajuda do conceito de *signo* que se abala a metafísica da presença. Mas a partir do momento em que se pretende assim mostrar, como há pouco o sugeri, que não havia significado transcendental ou privilegiado e que o campo ou o

> jogo da significação não tinha, desde então, mais limite, dever-se-ia – mas é o que não se pode fazer – recusar mesmo o conceito e a palavra signo. Pois a significação "signo" foi sempre compreendida e determinada, no seu sentido, como signo-de, significante remetendo para um significado, significante diferente do seu significado. Se apagarmos a diferença radical entre significante e significado, é a própria palavra significante que seria necessário abandonar como conceito metafísico (DERRIDA, 2009, p. 410).

Não temos como fugir da formatação metafísica da linguagem. O signo, enquanto protótipo duma origem, se autoconstitui e se autopreserva. Mesmo tendo como signa a composição significado-significante, que nos permite pensar numa arbitrariedade do signo, percebemos que a estruturação metafísica engessa a possibilidade de jogo da significação, pois, signo e significado se aproximam e tornam-se a mesma coisa excluindo o significante. O signo só se torna revolucionário quando levamos sua arbitrariedade até as últimas consequências.

É importante aprofundarmos essa discussão sobre o papel do signo enquanto desestruturador da metafísica tradicional, afinal aqui nesse âmbito podemos entender o modo como Derrida leva ao extremo sua postura estruturalista. O estudo crítico derridiano ultrapassa a linguística saussuriana e encontra a etnologia de Lévi-Strauss já que este também se utiliza do estruturalismo para construir uma ciência que desse conta de explicar as funções internas duma cultura. O que está em jogo neste momento em que Derrida analisa algumas obras de Lévi-Strauss?

> Conservando e anulando, ao mesmo tempo, oposições conceituais herdadas, este pensamento (Lévi-Strauss) mantém-se, portanto, como o de Saussure, nos limites: ora no interior de uma conceitualidade não criticada, ora pesando sobre as clausuras e trabalhando na desconstrução (DERRIDA, 2009, pg.130).

Assim como na Linguística saussuriana Derrida encontra nas obras de Lévi-Strauss o movimento da desconstrução. Os dois autores: Lévi-Strauss e Saussure tateiam entre a construção duma ciência e a desconstrução dum modo de construí-la, de conceituá-la. Encontra-se nas obras do construtor da Etnologia algumas características comuns a Linguística saussuriana: primeiro ponto é a impossibilidade de superar as dicotomias da linguagem ocidental utilizando o signo, pois no signo está a própria

gênese da linguagem caracterizada pelas oposições. O segundo ponto é que se abrirmos mão do conceito de signo estamos concomitantemente abrindo mão da única maneira de criticar a metafísica tradicional. O terceiro ponto é identificar como a crítica ao signo influencia na análise derridiana da linguística e da etnologia como representantes do estruturalismo.

> [...] Não podemos desfazer-nos do conceito de signo, não podemos renunciar a essa cumplicidade metafísica sem renunciar ao mesmo tempo ao trabalho crítico que dirigimos contra ela, sem correr o risco de apagar a diferença na identidade a si de um significado reduzindo em si o seu significante ou, o que vem dar no mesmo, expulsando-o simplesmente para fora de si (DERRIDA, 2009, p. 411).

Nessa *aporia*, do signo enquanto afirmador e contestador, que a desconstrução se afirma enquanto movimento e Derrida a utiliza para demonstrar os limites da linguagem tradicional. Como Derrida faz isso? Segundo o filósofo franco-argelino existem duas maneiras estruturais de se apagar a diferença entre o significante e o significado. O primeiro modo, que está intimamente ligado a linguística saussuriana, consiste em rebaixar o significante, em derivá-lo, aviltá-lo diante do significado. O segundo modo se caracteriza por colocar em xeque o arcabouço que permite essa redução. É sobre esse prisma que Derrida trabalha. É preciso levar a crítica à metafísica tradicional até o limite porque ela carrega no seu âmago, embora tente esconder, a própria contradição.

> Pois o *paradoxo* é que a redução metafísica do signo tinha necessidade da oposição que reduzia. A oposição faz sistema com a redução. E o que aqui dizemos do signo pode estender-se a todos os conceitos e a todas as frases da metafísica, em especial ao discurso sobre a estrutura (DERRIDA, 2009, p. 411).

Se quisermos adiantar o nosso intento podemos fazer a seguinte pergunta: é possível construir uma ciência da linguagem baseada na crítica à própria linguagem metafísica? Guardemos essa pergunta. Agora cabe-nos ainda seguir o percurso derridiano. Qual a consequência desse paradoxo no que diz respeito as críticas proferidas por pensadores à metafísica tradicional? Ora, todos os pensadores que

ousaram criticar a metafísica utilizaram a própria metafísica para isso. Utilizaram a própria arma do inimigo, logo, se tornaram o que criticavam. Por isso o desacordo apontado por Derrida entre os discursos de pensadores que combateram o modo de pensar construído pela metafísica tradicional.

Somente a desestabilização do conceito de signo traz à tona a possibilidade duma linguagem que não se restrinja a uma estrutura baseada num significado transcendental no qual o significante fônico se aproxima do significado de tal maneira que se torna o próprio signo. É necessária uma ciência da linguagem que compreenda o significante gráfico como parte reatora da significação, quer dizer, é necessária uma ciência que em sua estrutura permita o jogo de significações, o jogo na estrutura. A linguística saussuriana como principal representante das ciências humanas está longe de conseguir tal feito. O pensador franco-argelino, diante deste cenário faz o seguinte questionamento: "O que acontece agora com este esquema formal quando nos voltamos para aquilo que se denomina "ciências humanas"?" (DERRIDA, 2009, pg. 412). Essa pergunta é de fundamental importância por que nos direciona estrategicamente para o que Derrida entende como o papel da crítica à linguagem das ciências humanas. Dessas ciências a Etnologia é apontada como privilegiada por reunir na sua gênese características importantes, a saber:

> Podemos com efeito considerar que a Etnologia só teve condições para nascer como ciência no momento em que se operou um descentramento: no momento em que a cultura europeia – e por consequência a história da metafísica e dos seus conceitos – foi *deslocada*, expulsa do seu lugar, deixando então de ser considerada como a cultura de referência. Este momento não é apenas e principalmente um momento político, econômico, técnico etc. Pode dizer-se com toda a segurança que não há nada de fortuito no fato de a crítica do etnocentrismo, condição da etnologia, ser sistemática e historicamente contemporânea da destruição da história da metafísica. Ambas pertencem a uma única e mesma época (DERRIDA, 2009, p. 412).

Levis-Strauss, ao contrário de Saussure, consegue tecer uma crítica as limitações da linguagem nas ciências humanas. Saussure utiliza a dicotomia fala/escrita sem se preocupar com as limitações metodológicas que tal posicionamento garantia. Reafirmou a tradição formulando uma ciência que privilegiava a fala em detrimento da

escrita acreditando que este método representava verdadeiramente a linguagem. Lévi-Strauss utiliza a dicotomia natureza/cultura, quando trata do problema da proibição do incesto, de maneira provisória. Quer dizer, ciente de que tais conceitos eram as únicas ferramentas para analisar as culturas e suas características utiliza-as como instrumentos, no entanto, critica o seu valor de verdade.

> Como utensílios que ainda podem servir. Já não se lhes atribui nenhum valor de verdade, nem nenhuma significação rigorosa, estaríamos prontos a abandoná-los a qualquer momento se outros instrumentos parecessem mais cômodos. Enquanto esperamos, exploramos a sua eficácia relativa e utilizamo-los para destruir a antiga máquina a que pertencem e de que eles mesmos são peças. É assim que se critica a linguagem das ciências humanas (DERRIDA, 2009, pg.415).

O importante aqui é o papel metodológico construído por Lévi-Strauss e como Derrida utiliza esse estratagema para apontar como a desconstrução se insinua: "Trata-se de colocar expressa e sistematicamente o problema do estatuto de um discurso que vai buscar a uma herança os recursos necessários para a des-construção dessa mesma herança. Problema de *economia* e de *estratégia*." (DERRIDA, 2009, pg. 2012). Por isso Derrida aprofunda seu estudo no pensamento de Lévi-Strauss porque encontra um arcabouço teórico organizado que permite demonstrar e discutir as brechas da linguagem baseada na metafísica ocidental. Natureza/cultura, como qualquer dicotomia conceitual, não conseguem dar conta de todas as significações da linguagem. Há sempre um *entre* carregado de sentido que ultrapassa a área delimitada do conceito. Lévi-Strauss percebeu isso diante do problema do incesto.

> Lévi-Strauss sentiu ao mesmo tempo a necessidade de utilizar esta oposição e a impossibilidade de lhe dar crédito. Em *Les Structures*, ele parte do seguinte axioma ou definição: pertence à natureza tudo que é *universal* e espontâneo, não dependendo de nenhuma cultura particular nem de nenhuma norma determinada. Pertence em contrapartida à cultura o que depende de um sistema de *normas* regulando a sociedade e podendo portanto *variar* de uma estrutura social para outra. Estas duas definições são de tipo tradicional. Ora, logo desde das primeiras páginas das *Structures*, Lévi-Strauss, que começou a dar crédito a estes conceitos, encontra o que denomina um *escândalo*, isto é, algo que já não tolera a oposição natureza/cultura assim aceite e parece requerer *ao mesmo tempo* os predicados da natureza e da cultura. Esse escândalo é a *proibição do incesto*. A proibição do incesto é universal; neste sentido poder-se-ia dizer que é natural – mas também uma proibição,

> um sistema de interditos – e neste sentido dever-se-ia denominá-la cultural (DERRIDA, 2009, pg. 413).

Ora, vemos aqui uma contradição, afinal, a proibição do incesto pode se posicionar no conceito de natureza e no de cultura. Essa situação traz à tona a fragilidade da linguagem baseada em conceitos, em signos que se tornam o próprio significado e fazem ligação direta com o significante, o signo é sempre signo-de alguma coisa. No entanto, algo sempre está *fora* destes conceitos, sempre escapa de sua delimitação. Lévi-Strauss utiliza o escândalo do incesto para criticar a linguagem das ciências humanas. Afinal, não conseguir conceituar algo significa não saber o que é, significa não saber sua essência, sua origem. Aqui a discussão proposta por Derrida toma fôlego porque prepara terreno para discutir as noções de *rastro*, *suplemento*, *différance*.

> Lévi-Strauss instala-se portanto no ponto em que essa diferença, que sempre passou por evidente, se encontra apagada ou contestada. Pois a partir do momento em que a proibição já não se deixa pensar na oposição natureza/cultura, já não se pode dizer dela que seja um fato escandaloso, um núcleo de opacidade no interior de uma rede de significações transparentes; não é um escândalo que encontramos, no qual caímos no campo dos conceitos tradicionais; é o que escapa a estes conceitos e certamente os precede e provavelmente como sua condição de possibilidade (DERRIDA, 2009, pg. 414).

Embora Lévi-Strauss compreenda a necessidade de utilizar a oposição natureza – cultura provisoriamente e aponte para o problema da referência, no que diz respeito aos estudos das tribos, a base da sua Etnologia é estruturalista assim como a de Saussure. Lévi-Strauss entende que se pode encontrar à estrutura inconsciente utilizando o mesmo método da linguística estrutural.

> Utilizando esse método, Lévi-Strauss (1968, p.34) sugere que as ciências sociais devem ser capazes de formular relações necessárias e que "novas perspectivas se abrem", permitindo que o antropólogo estude sistemas de parentesco da mesma forma que o linguista estuda fonemas: "tal como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação sob a condição de se integrarem em sistemas". Os sistemas de parentesco, tal como os sistemas fonológicos, "são elaborados pelo espírito no estágio do pensamento inconsciente". Três anos mais tarde, em 1961, em suas conferências inaugurais no Collège de France, Lévi-Strauss reconhecerá publicamente sua dívida com

> Saussure e definirá a antropologia como um ramo da semiologia (PETERS, 2000, pg. 24).

Saussure delimita seu método ao utilizar a dicotomia fala/escritura para construir o arcabouço teórico da linguística favorecendo a fala quando na verdade o signo não permite tal posicionamento. Quando se questiona sobre o signo, o linguista leva em consideração apenas a palavra falada, no qual o pensamento e o som se vinculam perfeitamente, serenamente; a *escritura* que perturbaria esta ligação é excluída. Com a intenção de delimitar o objeto da linguística, de definir sua área para efetivá-la como ciência, Saussure – acompanhando a tradição ocidental que o sustenta – só leva em conta a escritura fonética, aquela sobre a qual a linguística pode mesmo se efetivar. Segundo Derrida a tradição metafísica anulou a estruturalidade da estrutura, em favor duma ordem, dum modo de pensamento que necessitava limitar uma área e tê-la como centro do conhecimento.

Esse modelo de *episteme* baseado no centro "tinha como função não apenas orientar e equilibrar, organizar a estrutura [...] mas sobretudo levar o princípio de organização da estrutura a limitar o que podemos denominar jogo da estrutura" (DERRIDA, 2009, pg. 408). O centro em sua centralidade libera o jogo na sua estrutura, no entanto, essa liberação é *interditada* porque se acreditava que o centro estava à parte da sua estruturalidade, quer dizer, o centro estava e não estava na estrutura.

> Sempre se pensou que o centro, por definição único, constituía, numa estrutura, exatamente aquilo que, comandando a estrutura, escapa à estruturalidade. Eis por que, para um pensamento clássico da estrutura, o centro pode ser dito, paradoxalmente, *na* estrutura e *fora* da estrutura. Está no centro da totalidade e contudo, dado que o centro não lhe pertence, a totalidade *tem o seu centro noutro lugar*. O centro não é o centro. O conceito de estrutura centrada – embora represente a própria coerência, a condição da *episteme* como filosofia ou como ciência – é contraditoriamente coerente. E como sempre, a coerência na contradição exprime a força de um desejo (DERRIDA, 2009, pg. 408).

Se pensarmos na língua, enquanto objeto duma ciência (Linguística), veremos que ela tem como centro a fala. No entanto, esse centro não dá conta das disseminações que arbitrariedade do signo permite. Na totalidade desta ciência o centro organizador só

pode existir *dentro* e *fora*. O que significa essa contradição apontada por Derrida? A estrutura deseja o jogo, no entanto, a estrutura centrada aceita somente o jogo a partir da ausência de movimento do centro. Quer dizer, o centro pertence a estrutura, pois a comanda, mas não pertence a sua estruturalidade, pois, está fora do seu jogo. Por isso:

> A centralidade, a noção mesma de um centro, a centralidade do centro é o que ao mesmo tempo, abre e fecha a possibilidade do jogo, então, para que o jogo continue sempre aberto, é necessário que se pense radicalmente a estrutura do centro que o centro ocupa na estrutura (HADDOCK-LOBO, 2008, pg. 128).

A estrutura anula o movimento do centro, isto implica na catalogação dos encadeamentos, o que nos permite construir uma história do sentido, na qual o começo e o fim surgem na forma de presença. Afinal, este seria o objetivo da tradição, trabalhar no interior das estruturas trazendo sempre à tona o ser como presença. Assim segundo Derrida:

> Poder-se-ia mostrar que todos os nomes do fundamento, do princípio ou do centro, sempre designaram o invariante de uma presença (*eidos, arque, télos, energeia, ousia* [essência, existência, substância, sujeito] *aletheia*, trancendentalidade, consciência, Deus, homem etc.) (DERRIDA, 2009, pg. 409).

Embora a tradição simule a centralidade do ser como presença e arquitete uma estrutura sem estruturalidade vê-se na própria estrutura o sêmen da ruptura do modo de pensar metafísico. Esse momento de disrupção repete-se simultaneamente a ação da estruturalidade da estrutura. Nesse cenário a estrutura se constituía enquanto desejo de centrar-se, porém, não numa centralidade fixa e estruturante, mas sim, numa centralidade de deslocamentos e substituições. Assim, a presença nunca era presença – apenas estava.

> Desde então, deve sem dúvida ter começado a pensar que não havia centro, que o centro não podia ser pensado na forma de um sendo-presente, que o centro não tinha lugar natural, que não tinha lugar fixo, mas uma função, uma espécie de não-lugar no qual se faziam indefinidamente substituições de signos. Foi o momento em que a linguagem invadiu o campo problemático universal; foi então o momento em que, na ausência de centro ou origem, tudo se torna discurso (...), isto é, sistema no qual o significado central, originário

> ou transcendental nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças. A ausência de significado transcendental amplia indefinidamente o campo e o jogo da significação (DERRIDA, 2009, pg. 409).

Sendo língua e escrita duas estruturas diferentes, a segunda serve, apenas, para representar a primeira. Como se fosse a própria coisa, a escritura fonética pode ser situada, a salvo, fora do campo que pretende estabelecer. Com esta postura, Saussure, segundo Derrida, pretende preservar a plenitude do "sistema interno da língua". O ponto nevrálgico é que esse sistema não pode ter centro, centro sem centralidade como pretende Saussure, sem centro organizador a linguagem não tem uma origem, não tem um significado transcendental, isso significa que o sistema permitirá o trânsito livre das disseminações. Nesse sentido, a *escritura* se torna presente como linguagem.

> (...) é justamente quando não lida expressamente com a escritura, justamente quando acreditou fechar o parêntese relativo a este problema, que Saussure libera o campo de uma Gramatologia Geral. Que não somente não mais seria excluída da Linguística Geral, como também dominá-la-ia e nela a compreenderia. Então percebe-se que o que havia sido desterrado, o errante proscrito da Linguística, nunca deixou de perseguir a linguagem como sua primeira e mais íntima possibilidade. Então, algo se escreve no discurso saussuriano, que nunca foi dito e que não é senão a própria escritura como origem da linguagem (DERRIDA, 2008, pg.53).

Assim, Derrida nos mostra como a secundariedade da escritura leva à sua exclusão e, com isto, transforma-a em eterna ameaça, naquilo que deve ser combatido, neutralizado para que haja o bom funcionamento da estrutura. O fato de ser cópia da cópia, desvio da *presença*, sempre é sinônimo do mal, da desordem. Mas para o pensamento desconstrucionista de Derrida é importante lembrar que o que vem de *fora* só é perigoso porque já está *dentro*, não há uma fronteira tão rigorosa que garanta sua oposição, e este é o verdadeiro perigo impossível de excluir. Há contaminação do *fora* no *dentro*: "O fora mantém com o dentro uma relação que, como sempre, não é nada menos do que simples exterioridade. O sentido do fora sempre foi no dentro, prisioneiro fora do fora, e reciprocamente" (DERRIDA, 2008, pg. 43). De modo que nenhuma postura reativa, de exclusão, pode aí ter sucesso. Esse encontro, do *dentro* no *fora*, compromete toda ordem, misturando o que é original e o que é cópia e, consequentemente, toda

orientação do pensamento, privando-o da segurança das oposições.

A metafísica tradicional tem como alicerce a perfeição, mesmo que está seja construída sobre a ilusão transvestida de verdade. Ora, esse travestir já põe em desordem o que seria aparente e o que seria essência, o que seria máscara e o que seria rosto. A cultura ocidental liga o verbo *logos* ao espírito e afasta a escritura associando-a ao aparente, a imperfeição, a farsa à técnica perversa que contamina a língua. Saussure, concomitantemente é o linguista da *arbitrariedade do signo*, e do *liame natural* entre sentido e som, de uma *natureza* das relações entre signos linguísticos e signos gráficos. A noção de *liame natural*, opondo-se a tese da *arbitrariedade do signo*, é o que mantém a subordinação da escritura à fala, e as supostas tentativas da primeira se impor a segunda são vistas como "pecados", como rupturas com o natural.

Para Derrida, o que ameaça a linguagem é a maneira como nos entregamos ao jogo das oposições. Para a tradição ocidental, com seu desejo de ordem, de clareza e verdade, não se pode conviver sem áreas bem demarcadas, pois deste modo, percebida como vinda de *fora*, o ataque parece menos violento, sendo possível o enfrentamento. O signo, sendo arbitrário, deveria proibir a distinção entre signo linguístico e signo gráfico. Se todos os signos são considerados arbitrários, como pensar uma relação de subordinação entre eles? Como pensar um *liame natural* entre voz e significado?

> A escritura não é signo do signo, a não ser que o afirmemos, o que seria mais profundamente verdadeiro, de todo signo. Se todo signo remete a um signo, e se 'signo de signo' significa escritura, tornar-se-ão inevitáveis algumas conclusões, que consideraremos no momento oportuno. O que Saussure via sem vê-lo sabia sem poder levá-lo em conta, seguindo nisto toda a tradição metafísica, é que certo modelo de escritura impôs-se necessário, mas provisoriamente, (quase à infidelidade de princípio, à insuficiência de fato e à usurpação permanente) como instrumento e técnica de representação de um sistema de língua. E que este movimento, único em seu estilo, foi mesmo tão profundo que permitiu pensar, *na língua* conceitos tais como os de signo, técnica, representação, língua (DERRIDA. Gramatologia, 2008, pg. 53).

Nesse contexto de situar-se além das oposições que o arquiconceito de *différance* age. Afinal, se todo conceito é uma estrutura, e por isso mesmo deficiente, ela é em si mesma problemática, pois a estrutura também é cheia de lacunas, *brisuras* que o conceito, a ciência tentam esconder. Nesta lacuna a *différance* age.

> Mais que isso, a brisura assumida como elemento constituinte do pensamento é uma chance de se escapar, ou ao menos enfraquecer o dualismo metafísico. Vemos isso, por exemplo, quando, em Gramatologia, o termo brisura é introduzido como subtítulo do segundo capítulo, seguindo-se aos anteriores "o fora e o dentro" e "o fora é o dentro". Uma brisura é fora e dentro, e nunca fora ou dentro, é presença e ausência, vida e morte etc. E não é por acaso que nesta seção Derrida apresenta de forma elucidativa um de seus principais quase-conceitos: o rastro. "A presença-ausência do rastro" (Gr 87) é apresentada, justamente, através de uma brisura (HADDOCK-LOBO, 2008, pg. 128).

Derrida pensa a *différance* para além da divisão fundadora da filosofia entre o sensível e o inteligível. Ela aponta para outro caminho, no qual as oposições se complementam e se afastam. Assim, surge o "entre", o *indecidível*, constituindo o próprio jogo da *escritura*, numa lógica que acolhe e excede a oposição *dentro*/*fora*. Por encontrar-se no meio e em todos os lugares, a *différance* não é hierárquica, nem binária, ela é todas as possibilidades de sentido. Isso posto, vê-se a metafísica ocidental como aquela que coloca a *différance* atrás das grades da lógica opositiva resultando em um movimento de negação, de fuga da própria *différance*.

A subjugação da *différance* às dicotomias ocidentais nada mais é que uma tentativa de domesticação da *escritura*, uma agressão à própria linguagem. A *escritura* e a *différance* tem o papel de trazer a tona todo o movimento da *diferencialidade* primeira como o processo de diferenciação que resulta na transgressão dos valores alicerçados na metafísica ocidental, quer dizer: "O pensamento da *différance* já não diz respeito ao sistema da presença, mas sim do diferenciamento. Toda presença mostrar-se-á, sempre, como efeito do diferenciamento ou, mais precisamente, da *différance*" (DUQUE-ESTRADA, 2002, pg. 20). O conceito de signo não dará conta do movimento da *diferencialidade*, a problematização da dualidade significante-significado exigirá a noção de *suplemento*.

O que temos que compreender é que o conceito saussuriano que indica um elo entre significado e significante como um fato para afirmar a unidade do signo perde para Derrida a sua autenticidade enquanto dado adquirido. Segundo Saussure, na língua só existem diferenças, o signo é desprovido duma regra *a priori* na qual haja uma ligação natural entre significado e significante. Só existe enquanto signo porque se

diferencia de outros signos contíguos no interior de um paradigma. O filósofo franco-argelino evidencia que o sistema da diferença guarda em si mesmo uma magna crítica ao logocentrismo ou metafísica da presença. O signo arromba a possibilidade dum centro estruturante. Pois aí está a questão. A totalização não é problema, o problema é como estabelecer uma linguagem que dê conta das disseminações infinitas que acontecem nessa totalidade. Por isso Saussure colocou a escrita em segundo plano, colocá-la *fora* significava apontar um *dentro*, um centro que organizasse a estrutura e que criasse a ilusão de que a língua só é representada pela fala.

> Se então a totalização não tem mais sentido, não é porque a infinidade de um campo não pode ser coberta por um olhar ou um discurso finitos, mas porque a natureza do campo - a saber a linguagem é uma linguagem finita – exclui a totalização: este campo é com efeito o de um *jogo*, isto é, de substituições infinitas no fechamento de um conjunto finito. Este campo só permite estas substituições infinitas por que é finito, isto é, porque em vez de ser demasiado grande, falta-lhe algo, a saber, um centro que detenha e fundamente o jogo das substituições. Poderíamos dizer, servindo-nos rigorosamente dessa palavra cuja significação escandalosa sempre se atenua em francês, que este movimento do jogo, permitido pela falta, pela ausência de centro ou de origem, é o movimento da *suplementariedade*. Não se pode determinar o centro e esgotar a totalização porque o signo que substitui o centro, que o *supre*, que ocupa o seu lugar na sua ausência, esse signo acrescenta-se, vem a mais, como *suplemento*. O movimento da significação acrescenta alguma coisa, o que faz que sempre haja mais, mas esta adição é flutuante por que vem substituir, suprir uma falta do lado do significado (DERRIDA, 2009, pg. 421).

Derrida entende que o signo se caracteriza pelo movimento da suplementariedade. A dicotomia *fora*/*dentro*, *a fortiori* escrita/fala, exige um terceiro elemento para que possa produzir um sentido daquilo que verdadeiramente o suplemento difere. No entanto, o suplemento não é realmente um terceiro elemento já que participa/transgride ambos os lados da dicotomia. Esta lógica da suplementaridade, a que também se chama *différance*, é o traço particular que Derrida isola na escrita. Podemos retificar então que Derrida não é advogado da escrita, nem de qualquer elemento que na história da metafísica tenha sido rebaixado em detrimento de outro. O problema central é como a metafísica arquiteta seu modo de pensar e quais os problemas que este modo acarreta, principalmente no que diz respeito a linguagem. A desconstrução acontece, está no homem e além dele. Vê-se um script duma tragédia grega, na qual, sabemos o que irá acontecer, os protagonistas querem que não aconteça, mas fazem exatamente o que é

necessário para que aconteça. A desconstrução é Necessária.

> Necessidade que mal se deixa perceber, tudo acontece como se – deixando de designar uma forma particular, derivada, auxiliar da linguagem em geral (entendida como comunicação, relação expressão, significação, constituição do sentido ou do pensamento etc.), deixando de designar a película exterior, o duplo inconsistente de um significante maior, o *significante do significante* – o conceito de escritura começava a ultrapassar a extensão da linguagem. Em todos os sentidos desta palavra, a escritura *compreenderia* a linguagem. Não que a palavra "escritura" deixe de designar o significante do significante, mas aparece, sob uma luz estranha, que o "significante do significante" não mais define a reduplicação acidental e a secundariedade decaída. "Significante do significante" descreve, ao contrário, o movimento da linguagem: na sua origem, certamente, mas já se pressente que uma origem, cuja estrutura se soletra como "significante do significante", arrebata-se e apaga-se na própria produção. O significado funciona aí desde sempre como um significante. A secundariedade, que se acreditava poder reservar à escritura, afeta a todo significado em geral, afeta-o desde sempre, isto é, desde o *início do jogo*. Não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo de remessas significantes que constituem a linguagem. O advento da escritura é o advento do jogo; o jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranquilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos do fora-do-jogo que vigiavam o conceito de "signo" e toda a sua lógica (DERRIDA, 2008, pg. 08).

Veja que a "luz estranha" permite que pensemos a escritura no mesmo local subalterno de antes enquanto significante do significante. O que está em jogo é o seu papel em relação à linguagem. Significante do significante não mais representa derivação, mas sim, o próprio movimento da linguagem. Como não existe significado transcendental, não existe uma origem vê-se o significado sempre como significante do significante isso significa que na totalização da centralidade o jogo das disseminações não cessa. A inflação do signo permitiu que a escritura não só compreendesse a linguagem, mas também, permitiu reconstruí-la. Essa reconstrução desemboca no novo objeto da linguística. Se a desconstrução é Necessária, uma nova ciência também. A fala, a voz, o discurso foram privilegiadas não por um acaso, mas por uma Necessidade epistemológica, metafísica que construiu a nossa própria ideia de mundo. Agora esta mesma Necessidade empurra as limitações da linguagem. Eis um problema de fronteira. Invadir exige sempre violência.

> Estas deformações não são contingências históricas que poderíamos admirar ou lamentar. Seu movimento foi absolutamente necessário – de uma Necessidade que não pode apresentar-se, para ser julgada, perante nenhuma outra instância. O privilégio da *phoné* não depende de uma escolha que teria sido possível evitar. Responde a um momento da *economia* (digamos, da "vida", da "história" ou do "ser em relação a si"). O sistema do "ouvir-se-falar" através da substância fônica – que se dá como significante não-exterior, não-mundano, portanto não-empírico ou não não-contigente – teve de dominar durante toda uma época a história do mundo, até mesmo produziu a ideia de mundo, a ideia de origem do mundo a partir da diferença entre o mundano e o não-mundano, o fora e o dentro, a idealidade e a não-idealidade, o universal e o não universal, o transcendental e o empírico, etc. (DERRIDA, 2008, pg.09).

Nosso objetivo não é encontrar nem construir uma ciência da escrita, nem mesmo superar o signo saussuriano. A questão é outra, pretendemos utilizar a crítica que Derrida faz ao signo e à ciência positiva, baseada na metafísica, para apontarmos para um novo tratamento às questões da linguagem. Certamente esse deslocamento proposto neste trabalho acarreta consequências teórico-metodológicas, cujos impactos passaremos a abordar, particularmente, para a Linguística Aplicada Crítica. Em outras palavras, na tensão entre a desconstrução e a Linguística Aplicada Crítica podemos contribuir para a construção de um arcabouço consequente com as próprias proposições da LAC, quando esta se afasta do modelo linguístico-estrutural que domina os estudos linguísticos ainda hoje no Brasil.

4. INOVAÇÕES DERRIDIANAS – AMPLIANDO FRONTEIRAS PARA O CAMPO DA LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA.

No capítulo I, discutimos um deslocamento paradigmático no âmbito dos estudos da linguagem envolvendo as relações entre a linguística estrutural, Linguística Aplicada e a Linguística Aplicada Crítica. Esse deslocamento se dá num movimento de crítica ao desejo de universalização dos pensadores estruturalistas que entendiam a linguagem como um sistema semiótico autossuficiente que poderia responder cientificamente e internamente a todas as questões das ciências humanas. Em contra posição a esta postura estrutural temos estudiosos que apontam para a questão social da língua tendo como norte questões transversais como identidade, sexualidade, racismo e gênero (2008).

No capítulo II, discutimos como Derrida utiliza a desconstrução para demonstrar os limites da linguagem alicerçada nos pressupostos da metafísica ocidental. Nesse sentido discutimos noções como *différance, suplemento,rastro* dentre outros. Apontamos como essas noções se articulam para a construção dum arcabouço teórico que sirva como complementação e deslocamento para propor possíveis saídas aos problemas da linguagem atualmente. Para tanto, analisamos *A voz e o fenômeno* (1994), *Gramatologia* (2008) e um ensaio da *Escritura e a Diferença* denominado *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas* (2009).

No capítulo III, tentaremos apontar para possíveis contribuições da desconstrução no campo da linguagem. Ou seja, nosso objetivo é explicitar as consequências epistemológicas da desconstrução do significado transcendental, por exemplo, para a leitura para a tradução e como *différance* e o *rastro* se a articulam para a desconstrução do signo. Significa dizer que precisamos dum arcabouço teórico que supere as limitações da Linguística Aplicada e que rompa com o modelo representacional da linguagem que é alicerçado pelo logocentrismo, fonocentrismo e etnocentrismo. Nesse cenário o signo é posto em evidência, pois, é o cerne da questão quando tratamos da linguagem. Problematiza-lo significa trazer à tona as possíveis contribuições da desconstrução para a Linguística Aplicada Crítica.

> Ao levar às últimas consequências a concepção do signo arbitrário e convencional proposta por Saussure, a reflexão desconstrutivista

> necessariamente revisa e dimensiona as noções tradicionais de significado. Se o signo é resultado de uma convenção, de um pacto, a origem do significado é necessariamente remetida para este pacto e, em última análise, para a necessidade de organização e de domínio que desemboca neste pacto. Se aceitamos a tese da convencionalidade do signo, ou seja, a noção de que todo significado é necessariamente construído e atribuído a partir de um tácito acordo comunitário, não poderemos, portanto, eximir a leitura e a compreensão, ou qualquer outro processo de utilização de signos, de uma origem atrelada à construção e à produção de significados (ARROJO, 1992, pag. 37).

A desestruturação do conceito de signo possibilita que a linguagem não se delimite por uma estrutura alicerçada num significado transcendental no qual o significante fônico se aproxima do significado de tal maneira que se torna o próprio signo. Ora, a convenção na qual está baseado o signo não permite uma estrutura sem centralidade, uma estrutura onde o centro está fora da sua estruturalidade. É nesse sentido que Derrida (2009) problematiza a centralidade do sistema, aponta os limites da estrutura, criticando as bases do estruturalismo linguístico. Nessa perspectiva defendemos que a filosofia derridiana abre a possibilidade um novo modelo epistemológico para abordar a questão do signo, o papel da língua, e a constituição mesma da significação, incluindo questões relativas à representação do mundo pela linguagem.

> Notemos, precisamente, que o filósofo chama a atenção para o fato de que nada escapa à linguagem e, consequentemente, à interação da significação. Dessa forma, pode-se dizer que não há centro que responderia por uma verdade imutável e por um sujeito reprodutor de sentidos, o que acarreta desdobramentos para a teorização da significação, deslocando a reflexão sobre a linguagem do campo "puramente linguístico" e trazendo para a discussão a necessidade de ampliar o conceito de sujeito e de entender mais detidamente o que interfere na relação que se estabelece entre sujeito e linguagem, no momento da apropriação (FERREIRA, 2009, pag. 233).

O signo é sempre "signo de" isso significa dizer que a linguagem é sempre interação e fluxo de remissões que não pode ser cristalizado, nem centralizado num dogma *a priori*. A linguagem não é simplesmente estrutural, ela desencadeia significações que só são possíveis de compreender na prática do falante. A linguagem se dá, também, na sua prática. Esse ponto é importante ser discutido, afinal o sujeito e a

linguagem são dependentes um do outro. Essa interação gera problemas que a Linguística não quis responder por uma questão metodológica e a Linguística Aplicada não consegue responder por uma fragilidade epistemológica, afinal, reinscreve na sua prática científica a articulação dicotômica da metafísica ocidental, ao deslocar o puramente linguístico para as questões de gênero, de poder, de ideologia, fazendo deslocar o centro do linguístico para outra categoria dentre as nomeadas.

A Linguística Aplicada Crítica tenta superar e deslocar os pressupostos pós-estruturalistas apontando para o novo tratamento dos estudos da linguagem no que diz respeito ao sujeito e sua vivência no mundo. O objetivo não é simplesmente tratar de temas transversais à linguagem, mas sim, mudar a lógica representacional e dicotômica da linguagem e da língua baseada em pressupostos metafísicos. Para demonstrarmos melhor nosso argumento, é mister tentarmos uma distinção entre as abordagens estruturalistas e pós-estruturalistas no âmbito das ciências humanas, mas principalmente dos estudos da linguagem.

Tratando de Linguística podemos pensar em algumas características estruturalistas:

> O estruturalismo em linguística nasce, assim como uma recusa da linguística externa, como uma vontade de abstrair a língua da prática social na qual ela manifesta, como uma tentativa de fazer dela um objeto exterior à sociedade. Hjelmslev está mais próximo aqui dos lógicos do que dos linguistas descritivos, e é bem este o seu propósito: o seu fim era elaborar um modelo linguístico que cobrisse todos os fatos de língua passados, presentes e futuros. Essa visão como tal não é de recusar, mas esse projeto, associado à problemática estrutural, é singularmente limitativo, ocultando simplesmente o importante fato de que uma língua é falada por pessoas no seio de uma sociedade que é atravessada por conflitos sociais, tensões, lutas, que é herdeira de uma história cheia de reviravoltas (CALVET, 1975, pg. 51).

Essa visão estruturalista irá nortear os pesquisadores da linguística “dura”, a língua enquanto sistema se “refere à visão de que existe uma estrutura relacional abstrata que é subjacente e deve ser distinguida dos enunciadores reais – um sistema que subjaz ao comportamento real – e de que ela é objeto primordial de estudo do linguista” (WEEDWOOD, 2003, pg. 127).

A Linguística “dura” tem seus estudos baseado no paradigma estruturalista. No entanto, é crescente o número de cientistas que se alicerçam em pensadores pós-estruturalistas. Pensadores que problematizam a limitação estruturalista, que apontam para uma nova postura diante do conhecimento. Grosso modo, Culler faz as seguintes diferenciações entre estruturalismo e pós-estruturalismo:

> (...) o estruturalismo torna-se uma série de projetos científicos sistemáticos – a semiótica, sucessora do estruturalismo nessa acepção, é geralmente definida como “ciência” dos signos -, e os oponentes do estruturalismo são várias críticas pós-estruturalistas a esses projetos ou explorações de sua definitiva impossibilidade. Em termos mais simples: os estruturalistas tomam a linguística como modelo e tentam desenvolver “gramáticas” – sistemáticos inventários de elementos e suas possibilidades de combinação – que dariam conta da forma e do sentido de obras literárias; os pós-estruturalistas investigam o modo como esse projeto é subvertido pelas operações dos próprios textos. Os estruturalistas estão convencidos de que o conhecimento sistemático é possível; os pós-estruturalistas afirmam saber apenas das impossibilidades desse conhecimento (CULLER, 1997, pg. 27).

Os estruturalistas tentam construir uma ciência que consiga explicar as interações e combinações dos elementos no sistema da língua. Isso significa dizer que é necessário delimitar uma área que agregue características estruturais para que possa ser analisada adequadamente. O problema que essa restrição esconde, deixa de fora, exclui o correspondente dicotômico que foi escolhido como objeto. Tal ação tem o objetivo de construir uma ciência segura e que possa prever fenômenos. O que os pós-estruturalistas questionam é que a própria análise estrutural do sistema romperá essa área de segurança e terminará por desconstruir a própria noção de conhecimento seguro. Saussure teve a necessidade de escolher um objeto (a língua sistêmica), em detrimento da fala. Os pós-estruturalistas irão apontar as deficiências que tal escolha comprometeu nos estudos da linguagem.

É certo que a linguística saussuriana inaugura um novo modo de tratar os estudos linguísticos. Saussure entende a língua como um sistema de signos no qual seus elementos interagem e dentro desse sistema a preocupação era saber como eles se relacionavam e não o porquê dessa relação. No *Curso de linguística geral* a preocupação maior do pensador genebrino era demonstrar que a linguagem se dá por

diferenças e essa diferença relacional acontece dentro dum sistema autônomo. A análise sistêmica da linguagem feita por Saussure é a base do pensamento estruturalista.

> Podemos destacar [...] no estruturalismo e no pós-estruturalismo, uma mesma compreensão teórica geral da linguagem e da cultura, que são concebidas em termos de sistemas linguísticos e simbólicos nos quais as inter-relações entre elementos que os constituem são vistas como mais importantes do que os elementos considerados isoladamente. Tanto o estruturalismo quanto o pós-estruturalismo sustentam a concepção saussureana de que os signos linguísticos operam de forma reflexiva e não de forma referencial: eles dependem da operação auto – reflexiva da diferença. De acordo com essa inspiração, os sistemas simbólicos (por exemplo, a cidade, a moda, a escola, a sala de aula) podem, em sua maior parte, ser analisados como uma espécie de código, isto é, eles podem ser concebidos, em termos semióticos, como uma linguagem (PETERS, 2000, pg. 36).

É importante citar alguns pontos de intersecção entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo porque Derrida, por exemplo, não se assume enquanto pós-estruturalista, mas sim, como um estruturalista no seu sentido mais extremo. Por que a agenda estruturalista se caracteriza como uma crítica ao sujeito construído pelos pensadores iluministas. Sujeito este que na literatura se configurava na figura do autor. O texto era a expressão própria do autor. O estruturalismo rompe essa ligação paterna e põe o texto como objeto de estudo. A linguagem torna-se um objeto cientifico.

> O estruturalismo [...] começou a se desenvolver como uma forma de poética, de crítica literária e de análise linguística do discurso, substituindo, dessa forma, o modelo humanista que interpretava textos particulares como sendo a expressão singular de um determinado autor. O modelo linguístico, tal como concebido por Saussure e Jakobson, permitia a análise científica da linguagem como um sistema de diferenças, como um sistema sem quaisquer termos positivos, iniciando uma ciência das estruturas que abalava os tradicionais pressupostos humanistas e românticos que se baseavam nas ideias de intencionalidade, de criatividade e de autoria (PETERS, 2000, pg. 15).

Se Derrida se autoproclama estruturalista, se o estruturalismo vai de encontro ao ideal iluminista, no qual o sujeito com sua razão celestial conseguem se afastar do objeto e explicar a sua causa, tendo como norte as limitações da razão proposta por Kant, porque Derrida se encontra no grupo dos pós-estruturalistas? A questão é que

embora Derrida se aproprie da metodologia estruturalista e analise o texto até a sua última consequência, seu instrumento de analise é outro. A lupa utilizada por Derrida tem como matéria os pressupostos filosóficos de Nietzsche e Heidegger, nesse sentido existe um abismo metodológico que não permite uma aproximação entre o estruturalismo, que trabalha com a ideia de totalidade, verdade e o pós-estruturalismo que tem como norte o descentramento e a pluralidade de interpretações.

> Derrida, seguindo Nietzsche, Heidegger e Saussure, questiona os pressupostos que governam o pensamento binário, demonstrando como as oposições binárias sustentam, sempre, uma hierarquia ou uma economia do valor que opera pela subordinação de um dos termos da oposição binária ao outro, utilizando a desconstrução para denunciar, deslindar e reverter essas hierarquias. [...] esses pensadores enfatizam que o significado é uma construção ativa, radicalmente dependente da pragmática do contexto, questionando, portanto, a suposta universalidade das chamadas "asserções de verdade". [...] seguindo Nietzsche, todos eles (Foucault, Derrida, Deleuze, Lyotard) questionaram o sujeito cartesiano-kantiano *humanista*, ou seja, o sujeito autônomo, livre e transparentemente autoconsciente, que é tradicionalmente visto como fonte de todo o conhecimento e da ação moral e política. Em contraste, e seguindo a crítica da filosofia liberal feita por Nietzsche, eles descrevem o sujeito em toda sua complexidade histórica e cultural – um sujeito "descentrado" e dependente do sistema linguístico, um sujeito discursivamente constituído e posicionado na intersecção entre as forças libidinais e as práticas socioculturais (PETERS, 2000, pg. 32).

É importante trazer à tona essa discussão sobre o referencial teórico dos pós-estruturalistas porque assim podemos dimensionar a profundidade da crítica derridiana ao estruturalismo, e mais, podemos compreender o papel do sujeito como ser no mundo que não vive somente do pescoço para cima. Todo seu corpo sente as forças socioculturais que o interpelam. A linguagem atravessa essa vivência, o sujeito se constitui nela e nela age transformando e sendo transformado.

No capítulo I, vimos como os autores valorizam o campo social da fala em detrimento do campo estrutural, quer dizer, embora a Linguística Aplicada se baseie em pressupostos pós-estruturalistas a estrutura dicotômica metafísica se mantém, como apontado anteriormente. Entendemos que a Linguística Aplicada, como área dos estudos da linguagem, deve superar a lógica das oposições e direcionar seus esforços para a

relação diferencial existente entre o campo social da língua e o campo abstrato-estrutural. A questão é como tirar consequências epistemológicas dessa relação.

A Linguística Aplicada Crítica se embasa nos pressupostos pós-estruturalistas, descentramento do sujeito, descentramento do linguístico e abertura para a relação da língua com o espaço social. A crítica feita a Linguística Geral é só a ponta do iceberg, o que temos como pano de fundo é a disputa entre á a ideia estruturalista dum sistema autossuficiente que se sustenta em distinções dicotômicas nas quais um conceito se sobressai em detrimento do outro contra o postulado pós-estruturalista que põe em xeque o modelo fundamentalista da ciência trazendo à tona a importância da interpretação do discurso, nesse sentido, questões referentes à verdade, a origem deixam de ser o fim e passam a ser pontos de problematização.

> O movimento pós-estruturalistas questiona o cientificismo das ciências humanas, adota uma posição antifundamentalista em termos epistemológicos e enfatiza um certo perspectivismo em questões de interpretação. O movimento pós-estruturalista questiona o racionalismo e o realismo que o estruturalismo havia retomado do positivismo, com sua fé no progresso e na capacidade transformativa do método científico, colocando em dúvida, além disso, a pretensão estruturalista de identificar as estruturas universais que seriam comuns a todas as culturas e à mente humana em geral (PETERS, 2000, pg. 39).

Derrida, antes de colocar em xeque os limites da linguagem estruturalista, antes de apontar como funciona a construção do discurso, ataca o ponto nevrálgico da linguagem: o signo. A desconstrução é um instrumento que nas mãos do filósofo franco-argelino tenta libertar a linguagem duma configuração construída antes mesmo de Platão e Aristóteles. Isso quer dizer que a própria ideia de conceito perde sentido. Tal situação não permite a cristalização da linguagem, não permite que caiamos na ilusão de que podemos analisar o discurso completamente. Isso também se descontrói. Os cientistas querem fazer ciência. Quer dizer, embora tentem superar os postulados estruturalistas, por mais que apostem na articulação dum sistema aberto, por mais que utilizem os pressupostos pós-estruturalistas terminam, de um modo ou outro, por engessar a linguagem e praticam esse engessamento ao se apropriar da reflexão derridiana.

Os pós-estruturalistas terminam por essencializar e sistematizar o tratamento da linguagem que deveria seguir outra lógica. Na tentativa de superar os preceitos estruturalistas, os pós-estruturalistas colocam suas teses acima das estruturalistas, consequentemente, reafirmam a lógica da metafísica ocidental oposicional. Utilizemos como exemplo os estudos pós-coloniais que são transversais aos estudos da linguagem:

> O paradoxo dos estudos "pós-coloniais", assim concebidos, reside no fato de as margens se valerem do próprio discurso "logocêntrico" para afirmarem sua diferença: as línguas dos colonizadores, no caso da escrita criativa; as ideias europeias (os "direitos humanos", as propostas de filósofos franceses como o próprio Foucault ou o próprio Derrida); as modas teóricas universitárias do centro hegemônico atual, os Estados Unidos, copiadas e adotadas pelos críticos e professores literários dos países periféricos. Esse paradoxo se transforma em contradição quando os estudos pós-coloniais essencializam e privilegiam o colonizado com relação ao colonizador, o "pós" com relação ao "pré", e o pós-colonial anglófono com relação ao pós-colonial de outros contextos culturais. Tal contradição não existiria se esses estudos fossem realmente derridianos, por que para Derrida não existe um "pós" e um "pré" (que pressupõem uma origem pura e uma textualidade teleológica) e as margens não são pensadas por ele a partir de um centro único (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 26).

Assim como os estudos pós-coloniais tentam construir uma teoria desconstrucionista para analisar as relações de centro/periferia, vemos os cientistas pós – estruturalistas dos estudos da linguagem tentando esquadrinhar a desconstrução para entender como funciona a linguagem. O que isso significa? Os estudos da linguagem atravessam outros campos de conhecimento como, por exemplo, a cultura, gênero, leitura. Na tentativa de resgatar o elemento que foi excluído na relação dicotômica terminam por essencializar este elemento repetindo a prática da metafísica ocidental. Assim acontece com o negro em relação aos brancos; com as mulheres em relação aos homens; com o leitor em relação ao autor. É necessário pensarmos numa outra relação que supere a lógica da metafísica ocidental. A desconstrução já vem sendo utilizada nesse sentido em vários campos do conhecimento, a saber: tradução, texto/leitura, estudos de gênero dentre outros (Arrojo 1992).

A desconstrução põe em movimento o conceito de verdade, alcança-la é caminhar na possibilidade do impossível. O que isso quer dizer? Se a linguagem é

interação das significações não existe a possibilidade de chegarmos numa verdade universal, em um centro que garanta as repetições dos significados, que garanta uma origem. Quando se trata de tradução encontramos a necessidade e sua impossibilidade:

> (...) *double bind*; necessidade e impossibilidade de tradução. Dito de outro modo, afirmaríamos que a condição de possibilidade da tradução está no horizonte do in-traduzível; o que possibilita a tradução é aquilo mesmo que resiste a ela, resiste a se dar a ler e a traduzir, lendo e traduzindo. A tradução, assim, passa a ser encarada como um acontecimento da linguagem, que não pode ser previsto por um cálculo ou um método unificador, que descreva plenamente seu funcionamento. Podemos dizer que esta teorização não esquece em momento algum o corpo-a-corpo do tradutor com a língua, com a palavra, não esquece a materialidade do trabalho do tradutor. Ademais, evidencia a complexidade do trabalho do tradutor, o que pode oferecer ao tradutor em formação uma dimensão menos idealizada da sua tarefa, instigando-o a compreender melhor a sua intervenção e assumir que a tomada de decisão é uma necessidade da qual não nos desvencilhamos (FERREIRA, Élida. 2009 p. 238).

O que queremos apontar é que a tradução, qualquer que seja, traz em si a síntese da realidade na qual foi realizada, levando em consideração o espaço, o tempo, as necessidades do tradutor e seus objetivos. A tradução nunca será uma ciência "neutra". A tradução será uma leitura. Quando utilizamos este exemplo, a possibilidade e impossibilidade da tradução, estamos pensando em como articular esta experiência com a Linguística Aplicada Crítica. Afinal, caberá a LAC ser a ciência destes espaços de negociação. Ademais, a impossibilidade de um significado transcendental, primeiro e original aponta para a tradução crítica (Pennycook 2001) novos caminhos a serem perseguidos pela área.

Da mesma forma podemos estender para uma visão crítica da leitura e do texto os desdobramentos teóricos apontados:

> Assim, para a reflexão desconstrutivista, o significado não se encontra preservado no texto, nem na redoma supostamente protetora das intenções conscientes de seu autor, tampouco nasce dos caprichos individualistas de um leitor rebelde; o significado se encontra, sim, na trama das convenções que determinam, inclusive, o perfil, os desejos, as circunstâncias e os limites do próprio leitor (ARROJO, Rosemary. 1992. P. 39).

No texto e na leitura, esse espaço de negociação também acontece entre a letra e produção do sentido. Mas não essencializando a produção de sentido e centrando a origem da significação no cultural, no social, na identidade etc. A crítica derridiana ao arbitrário do signo e a ausência do significado transcendental tomam parte neste espaço. Ora, nesse sentido é óbvio que não existe significado único anterior à interpretação. Toda a realidade acontece no interior da linguagem. A Linguística Aplicada Crítica deve levar em consideração esses pressupostos para que não caia no erro epistemológico da Linguística Aplicada que se voltou totalmente para o falante e as determinações sócio-históricas, identitárias e esqueceu a língua.

Nos estudos de gênero:

> Como uma extensão das justas e vitoriosas lutas feministas, no campo social, defendeu-se e defende-se uma "escrita feminina", com características próprias. Entretanto, para defender a "escrita feminina", as feministas procedem frequentemente a uma essencialização do "feminino" que, como toda essencialização, é idealista ou metafísica, e, portanto, excluída do pensamento de Derrida. Mais do que uma essencialização, o discurso feminista da primeira fase (que, em muitos países, ainda não foi ultrapassada) implicava frequentemente a superioridade do feminino, e cultivava uma hostilidade ao masculino, num pensamento dualista simples também alheio aos princípios da desconstrução, que não trabalha com dualidades auto-exclusivas ou dispostas hierarquicamente. O pensamento dual faz que um dos termos dependa sempre do outro, mesmo que seja em relação de oposição, e o pensamento de Derrida não lida com oposições, mas com diferenças (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 25).

Como foi dito anteriormente a exclusão ou a afirmação de um termo em relação ao outro termina por essencializá-lo. Essa essencialização encerra os espaços de tensão entre os dois elementos. Assim como nos estudos culturais, os estudos da linguagem seguem este script. Entendemos que a Linguística Aplicada Crítica pode se desenvolver neste espaço de crítica a este pensamento dual da metafísica tradicional trabalhando com a diferença, com os pressupostos epistemológicos da desconstrução.

Nosso estudo nos permite dizer que as invenções derridianas agregam para a reflexão no campo da linguagem uma abertura importante e um deslocamento considerável para refletirmos mais detidamente sobre o encontro entre a língua, o

linguístico, o social, o ideológico, as identidades, o cultural. Não se trata de uma superação pura e simplesmente do estruturalismo, do seu abandono em busca de outras categorias como as já mencionadas. Fazendo assim repetimos a mesma lógica do que criticamos no estruturalismo. Tratou-se neste trabalho de evidenciar os limites do estruturalismo, do signo e reconhecer a diferença como lugar por excelência do sujeito produtor de sento, mas com o cuidado de não essencializar a diferença.

Nosso objetivo é agregar a esses estudos a contribuição que a desconstrução pode fornecer a Linguística Aplicada Crítica. Esse cenário de colaboração da desconstrução em diferentes áreas do conhecimento atravessa também, além das aqui já discutidas, uma outra problemática, a saber: a representação. A reflexão sobre a representação é fundamental para discutimos o texto, texto – cena e as relações linguagem – mundo, relações que podem formular um novo arcabouço de tratamento aos problemas da linguagem, já que, a visão de representação que impera nos estudos da linguagem é ainda a visão platônica da representação enquanto mimeses.

Quando se trata desta temática, pelo menos nos três primeiros livros de Jacques Derrida, o texto (2009) chama atenção porque o teatro, assim como a linguagem, sofre o deslocamento de uma época, sofre uma crise representacional, afinal, não consegue mais dar conta de enfrentar os problemas intrínsecos a sua prática. O teatro está maior do que o teatro assim como a linguagem não cabe mais no conceito de língua. Derrida inicia o texto *O teatro da crueldade e o fechamento da representação* analisando as citações de Artaud: “A dança/ e por consequência o teatro/ ainda não começaram a existir” e “a afirmação/ de uma terrível/ e aliás inelutável necessidade”. Nesse sentido, problematiza a questão da *afirmação*. Quer dizer, afirmação que não é contingente, mas sim necessária e tem como gênese o próprio ato de afirmar por mais “inelutável” que seja. No entanto, Derrida articulando sua tática desconstrucionista, leva ao extremo o postulado tautológico: *Afirmação que afirma*. Esta afirmação, enquanto ação positiva, ainda não começou a existir. Se existe uma necessidade de afirmação ela só se dará enquanto pró-criadora de si própria. Para Artaud, segundo Derrida, o futuro do teatro, o seu *telos* só se compreende pela repetição que remonta o pré-conceito do que seria teatro.

O *leitmotiv* desta análise é a seguinte pergunta: Que é teatro? Pois responder esta pergunta significa apontar o afastamento do teatro da sua afirmação enquanto vida.

O teatro ocidental, assim como a exigência de sua conceituação, foi parturejado, mediante uso de fórceps, pelo homem. Ora, o que está em jogo aqui é o apagamento do homem. O teatro não é a imitação da vida, mímesis inconsequente que tem por objetivo provocar temor e piedade nos seus espectadores. O teatro é vida, assim *a fortiori* questionando a mímesis estamos problematizando a representação. Nesse sentido, entendemos que o teatro deve ser o espaço entre a representação e a apresentação, o espaço entre o texto e a cena. Essas relações de poder que darão conta da dinâmica da linguagem. Linguagem que não é imitação, mas também é (lembremos a iterabilidade da marca discutida por Derrida), na apresentação da realidade.

> A arte teatral deve ser o lugar primordial e privilegiado dessa destruição da imitação: mais do que outro foi marcado por esse trabalho de representação total no qual a afirmação da vida se deixa desdobrar e escavar pela negação. Esta representação, cuja estrutura se imprime não apenas na arte mas em toda cultura ocidental (as suas religiões, as suas filosofias, a sua política), designa portanto mais do que um tipo particular de construção teatral (DERRIDA, 2009, pg. 342).

O teatro da crueldade "anuncia o limite da representação", "o teatro da crueldade não é uma representação". Esta aporia implica discutir *cena, encenação, texto.* A partir destes temas podemos enveredar pelo fonocentrismo, logocentrismo, linguagem, já que o *texto* representa o fonocentrismo, o logocentrismo que moldura a linguagem numa representação fundada na iterabilidade. Mas antes de tudo o teatro da crueldade é o problema de *origem*, já que questiona o poder do *texto* que se repete quantas vezes for necessário.

> Artaud sabia que o teatro da crueldade não começa nem se realiza na pureza da presença simples, mas já na representação, no "segundo tempo da Criação", no conflito das forças que não pôde ser o de uma origem simples. A crueldade pode sem dúvida começar a exercer-se aí, mas deve também por aí deixar-se *iniciar*. A origem é sempre *iniciada* (DERRIDA, 2004, pg. 362).

Uma pergunta ainda permanece: qual o é teatro de Artaud? O teatro da crueldade, da vida, aquele que "[...] expulsa Deus do palco. Não põe em cena um novo

discurso ateu, não dá palavra ao ateísmo, não entrega o espaço teatral a uma lógica filosofante proclamando uma vez mais, para grande cansaço nosso, a morte de Deus." (DERRIDA, 2009, pg. 343). Expulsar Deus do palco significa tomar-lhe a palavra, destronar a palavra, tirar as rédeas do teatro das mãos do texto, tirar-lhe as rédeas. É preciso primeiro inverter no teatro a dicotomia *texto* x *encenação* para depois *deslocá-lo* para a vida. Senão, segundo Derrida, permaneceremos no palco do teatro clássico, no palco teológico, no qual nada se cria, apenas se faz como se estivesse criando: *mimeses*. O palco teológico é o lugar do *logos* que se faz representar no *texto*, na palavra, no corpo emudecido.

> O palco é teológico enquanto a sua estrutura comportar, segundo toda a tradição, os seguintes elementos: um autor-criador que, ausente e distante, armado de um texto, vigia e comanda o tempo ou sentido da representação, deixando esta *representá-lo* no que se chama o conteúdo dos seus pensamentos, das suas intenções, das suas ideias. Representar por representantes, diretores ou atores, intérpretes subjugados que representam personagens que, em primeiro lugar pelo que dizem, representam mais ou menos diretamente o pensamento do "criador". Escravos interpretando, executando fielmente os desígnios providenciais do "senhor" (DERRIDA, 2009, pg. 343).

O *logos* utiliza o texto, o texto o representa. O teatro clássico baseia-se nele, no texto fonético e todas as outras manifestações artísticas estão submissas a ele. O texto encena outra cena: "O ocidente – e essa seria a energia da sua essência – sempre teria trabalhado para a destruição da cena. Pois uma cena que apenas ilustra um discurso já não é totalmente uma cena" (DERRIDA, 2009, pg. 345). É preciso encenar a cena sem a prerrogativa textual. Não estamos aqui negando o teatro diria Derrida. O não-teatro nunca existiu, pois o teatro estava no teatro, em seu limite teatral, na fronteira teatrológica, na qual a cena aparece, oblitera-se, deixa-se ver na encenação clássica. O *fora* sempre esteve no *dentro*. Se a cena tomaria para si o papel principal, se libertaria do texto, então o que ela representaria? Caberia ao teatro da crueldade uma *representação*?

> É certo que a cena já *não representará*, pois não virá acrescentar-se como ilustração sensível a um texto já escrito, pensado ou vivido fora dela e que não faria mais do que repetir, cuja trama não constituiria. Já não virá repetir um *presente*, *re*-presentar um presente que estaria

> noutro lugar e antes dela, cuja plenitude seria mais velha do que ela, ausente de cena e podendo de direito passar sem ela: presença a si do logos absoluto, presente vivo de Deus. Não mais será uma representação, se representação quer dizer superfície exposta de um espetáculo oferecido a curiosos. Nem mesmo nos oferecerá a apresentação de um presente, se presente significa o que se ergue *diante de* mim (DERRIDA, 2009, pg. 346.).

É preciso um espaço, *espaçamento*. Fruto da não-representação, representação originária em si, lugar da cena, lugar dum outro tempo, não o da linearidade fônica. A representação originária exige o teatro, a linguagem do teatro, exige a cena, a encenação da cena, exige crueldade, exige um assassínio: "A origem do teatro, tal como a devemos restaurar, é a mão levantada contra o detentor abusivo do logos, contra o pai, contra o Deus de um palco submetido ao poder da palavra do texto" (DERRIDA, 2009, pg. 348). O que está em jogo aqui não é o fim da palavra, o fim do texto, mas sim, a sua atuação. A palavra não direcionará a cena, no entanto, terá uma função na organização. Sim, o fim da palavra enquanto pai não é o início duma anarquia. Melhor, é o início duma anarquia organizada. A palavra não será mais *ordem*, passará a ser gesto.

> [...] a intenção *lógica* e discursiva será reduzida ou subordinada, essa intenção pela qual a palavra vulgarmente assegura a sua transparência racional e sutiliza o seu próprio corpo em direção do sentido, deixa-o estranhamente recobrir por isso mesmo que o constitui em diafaneidade: desconstituindo o diáfano, desnuda-se a carne da palavra, a sua sonoridade, a sua entoação, a sua intensidade, o grito que a articulação da língua e da lógica ainda não calou totalmente, aquilo que em toda palavra resta de gesto oprimido, esse movimento único e insubstituível que a generalidade do conceito e da repetição nunca deixaram de recusar (DERRIDA, 2009, pg. 349).

Surge assim uma nova linguagem baseada na palavra, na palavra que ainda não tem vida no mundo, na palavra que não é nem dor nem ordem. O teatro da crueldade seria o momento no qual "O gesto e a palavra ainda não estão separados pela lógica da representação" (DERRIDA, 2009, pg. 350). Linguagem de símbolos, não de signos. Linguagem dos sonhos, dos sonhos cruéis na qual a palavra é mais um elemento na representação originária. Linguagem dos sonhos, mas não inconsciente. O teatro da crueldade é o teatro da consciência em seu limite. O inconsciente deve buscar o sagrado em nós, trazer à pele a vida em todas as suas possibilidades divinas. O inconsciente

deve reconstituir o divino, o divino deve juntar a vida e o homem que foram separados por Deus. “A restauração da divina crueldade passa portanto pelo assassínio de Deus, isto é, em primeiro lugar do homem-Deus (DERRIDA, 2009, pg. 355).

Derrida propõe interrogar quais são os temas de infidelidade dos que se dizem seguidores de Artaud. Nesse caminho o filósofo franco-argelino diz encontrar o que seria a essência do projeto artaudiano: “*Artaud quis apagar a repetição em geral*. A repetição era para ele o mal e poderíamos sem dúvida organizar toda uma leitura dos seus textos em torno deste centro” (DERRIDA, 2009, pg. 358). Não por coincidência o problema da repetição, do signo, da representação apontado por Derrida nos textos de Artaud se alastra por outros textos derridianos. O problema da representação é um problema da metafísica tradicional, do *logos*, da voz, do pai, da presença e que se apresenta no teatro tradicional como texto. Aprofundemo-nos.

> A repetição separa de si própria a força, a presença, a vida. Esta separação é o gesto econômico e calculador daquilo que se difere para se guardar, daquilo que reserva o gasto e cede ao medo. Este poder de repetição dirigiu tudo que Artaud quis destruir e recebeu vários nomes: Deus, o Ser, a Dialética. Deus é a eternidade cuja diferença e repetição na vida, nunca deixou de ameaçar a vida. Não é o Deus vivo que devemos temer, é o Deus morte. [...] Sempre que há repetição, Deus lá está, o presente guarda-se, reserva-se, isto é, furta-se a si próprio (DERRIDA, 2009, pg. 359).

Segundo Derrida a repetição poderia nomear-se O Ser. Pois, sob esta autoridade as formas metafísicas podem se fazer presentes na palavra, no signo. Em todo signo existe a possibilidade de repetição: “Um signo que não se repete, que já está dividido pela repetição na sua “primeira vez”, não é um signo. O reenvio significante deve portanto ser ideal – e a idealidade nada mais é do que o poder assegurado da repetição – para reenviar de cada vez ao mesmo” (DERRIDA, 2009, pg. 359). A repetição também poderia nomear-se Dialética na qual a repetição se dá na economia da verdade. Quer dizer, o comprometimento pela verdade coloca-a como ideal, a verdade idealizada sempre se deixa repetir.

> A dialética é sempre o que nos perde porque é o que sempre *conta com* a nossa recusa. Como com a nossa afirmação. Recusar a morte como repetição é afirmar a morte como gasto presente e irreversível. E

> inversamente. É um esquema que espreita a repetição nietzschiana da afirmação. O gasto puro, a generosidade absoluta oferecendo a unicidade do presente à morte para fazer aparecer o presente *como tal*, já começou a querer guardar a presença do presente (DERRIDA, 2009, pg. 359).

A síntese dialética garante a presença da *presença*. Recusar e afirmar carrega em si a repetição. Nesse sentido, recusar a morte como repetição é aceitá-la enquanto força eterna (o que garante a presença) e aceitá-la, num ato de generosidade, significa despir o presente e presenteá-lo enquanto tal. Este ato assegura o encadeamento de atos, garante a resposta para as perguntas: - De onde eu vim? Qual a minha origem? No teatro clássico o texto tenta garantir a repetição "Em lugar algum está tão bem organizada como no teatro a ameaça da repetição" (DERRIDA, 2009, pg. 360). Artaud entende o teatro da crueldade como espaço sem recomeço, como uma *enérgeia*, como movimento. Derrida percebe a desconstrução na obra artaudiana e os problemas que ele aponta no texto (2009) tem a mesma natureza dos outros textos pesquisados. Derrida tenta mostrar que o signo carrega em si a iterabilidade, assim como o texto. O teatro da crueldade seria "(...) a arte da diferença e do gasto sem economia, sem reserva, sem retorno, sem história" (DERRIDA, 2009, pg. 361).

O caráter secundário da *cena* em relação ao *texto*, a subjugação do ator ao diretor se apresenta como *presença* do *logos*, quer dizer, o modelo de representação do teatro clássico que utiliza a *cena* como um meio para a manifestação da verdade da voz, do *logos*, do pai-diretor e do homem-deus, está rebaixado a força da palavra do *texto*. Assim como a escritura é aviltada e rechaçada pela presença da voz quando tratamos do significado transcendental, quando tratamos do monólogo da consciência em si da fenomenologia husserliana. O teatro artaudiano exige um deslocamento sobre o modelo de representação do teatro clássico, é preciso um não-representar-se, uma representação originária em si que libere o lugar da *cena* .

Não está em jogo aqui a aniquilação do *texto*, da palavra, mas sim, a possibilidade de remissões que libere a linguagem em todas as suas possibilidades. A linguagem deve ser pensada não como simples repetição, que nos coloca em busca duma origem e que transporta um sentido em si mesmo já existente, mas sim, que reafirme a *cena* em sua positividade.

No nosso entendimento, uma ciência que queira tratar dos problemas da linguagem tem por obrigação que entendê-la em sua vivência. Vivência que acontece na relação do seu arcabouço abstrato e a prática social dos falantes. Esse arcabouço existe na própria prática dos falantes.

> [...] o que é necessário entender é que todo processo é ilusório, ilusão necessária para se produzir linguagem, para que o texto se apresente; na verdade, todo processo é um jogo, e cada jogo tem suas próprias regras, que servem apenas para aquele jogo e não para outro. E, de acordo com Derrida, é "um jogo seguro: aquele que se limita à substituição das peças dadas e existentes, presentes" (Derrida, 1976: 276). O jogo não tem origem nem fim, mas cria uma estrutura, ou melhor, permite à ilusão de que existe uma estrutura, uma tessitura. Portanto, o jogo condiciona e restringe a interpretação, mas ele não existe previamente à escritura; ele se instaura no instante mesmo de cada escritura (GRIGOLETTO, 1992, pg. 32).

O que Grigoletto faz é apontar uma terceira possibilidade das possibilidades de interpretação da interpretação, da estrutura, do signo e do jogo colocada por Derrida. Esse "jogo seguro" é um caminho. Em outras palavras, Derrida (2009) faz o seguinte comentário:

> Voltada para a presença, perdida ou impossível, da origem ausente, esta temática estruturalista da imediatidade interrompida é portanto a face triste, *negativa*, nostálgica, culpada, rousseauísta, do pensamento do jogo cujo reverso seria a *afirmação* nietzschiana, a afirmação alegre do jogo do mundo e da inocência do devir, a afirmação de um mundo de signos sem erro, sem verdade, sem origem, oferecido a uma interpretação ativa. Esta *afirmação determina então o* não-centro *sem ser como perda do centro*. E joga sem segurança. Pois há um jogo *seguro*: o que se limita à *substituição* de peças *dadas e existentes, presentes*. No caso absoluto, a afirmação entrega-se também à indeterminação *genética*, *a aventura seminal* do traço (DERRIDA, 2009, pg. 425).

Na ciência a palavra "segurança" é sempre bem vinda. Logo depois do comentário supracitado, Derrida caracteriza as duas interpretações da interpretação, da estrutura, do signo e do jogo.

> Há portanto duas interpretações da interpretação, da estrutura, do signo e do jogo. Uma procura decifrar, sonha decifrar uma verdade ou uma origem que escapam ao jogo e à ordem do signo e sente como um

> exílio a necessidade da interpretação. A outra, que já não está voltada para a origem, afirma o jogo e procura superar o homem e o humanismo, sendo o nome do homem o nome desse ser que, através da história da Metafísica ou da onto-teologia, isto é, da totalidade da sua história, sonhou a presença plena, o fundamento tranquilizador, a origem e o fim do jogo. Esta segunda interpretação da interpretação, cujo caminho nos foi indicado por Nietzsche, não procura na etnografia, como pretendia Lévi – Strauss, cuja *Introduction à l'oeuvre de Mauss* cito novamente, a "inspiradora de um novo humanismo" (DERRIDA, 2009, pg. 425).

Fica evidente que Grigoletto também tenta apontar uma possível contribuição da filosofia de Derrida à Linguística Aplicada. Para este fim, ela tensiona a dicotomia verdade – ilusão. É preciso um passo não autorizado que rompa as duas interpretações da interpretação. Para que não nos reste escolha. Para que as ciências humanas, a Linguística Aplicada Crítica caiam num descampado. Ciência sem campo. Sim, o problema é a ciência e a linguagem. Problema de filiação. Que, Derrida bem sabia, ainda não estamos prontos para enfrentar.

> Pelo que me diz respeito, não creio, muito embora estas duas interpretações devam acusar a sua diferença e aguçar a sua irredutibilidade, que hoje haja alguma coisa a *escolher*. Em primeiro lugar, por que aí estamos numa região – digamos ainda, provisoriamente, da historicidade – em que a categoria de escolha parece bem frágil. Em seguida, porque é preciso tentar primeiro pensar o solo comum e a *diferência* desta diferença irredutível. E por que temos aí um tipo de questão, digamos ainda histórica, cuja *concepção, formação, gestação, trabalho* hoje apenas entrevemos. E digo estas palavras com os olhos dirigidos, é certo, para as operações da procriação; mas também para aqueles que, numa sociedade da qual não me excluo, os desviam perante o ainda inominável que se anuncia e que só pode fazê-lo, como é necessário cada vez que se efetua um nascimento, sob a espécie da não-espécie, sob a forma informe, muda, infante e terrificante da monstruosidade (DERRIDA, 2009, pg. 426).

Quando Derrida utiliza a desconstrução como instrumento de análise da linguagem ele termina por exclusão construindo outra proposta. No entanto, Derrida é filósofo não é cientista. Nesse sentido, ele compreende que essa terceira via também se desconstrói, quer dizer, ele entende que a *différance* também age sobre suas análises. A Filosofia de Derrida, de cunho pós-estruturalista, propõe uma linguagem na qual o signo será substituído pelo *rastro*. O *rastro* nos impede de cair nas armadilhas da metafísica

do ser em si ou do não-ser em si e rompe com a ideia de que a linguagem: "(...) tanto falada quanto escrita, servisse apenas para expressar ou comunicar, num segundo momento, um sentido em si mesmo já previamente existente" (DUQUE-ESTRADA, 2002, pg. 18). A linguagem se constituiria enquanto *différance*:

> (...) O jogo das diferenças supõe, de fato, sínteses e remessas que impedem que, em algum momento, em algum sentido, um elemento simples esteja *presente* em si mesmo e remeta apenas a si mesmo. Seja na ordem do discurso falado, seja na ordem do discurso escrito, nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento faz com que cada "elemento" - fonema ou grafema - constitua-se a partir do rastro, que existe nele, dos outros elementos da cadeia ou do sistema. (...) Nada, nem nos elementos nem no sistema, está, jamais, em qualquer lugar, simplesmente presente ou simplesmente ausente. Não existe, em toda parte, a não ser diferenças e rastros de rastros (DERRIDA, 2001, pg. 32).

A desconstrução do signo permite pensarmos um novo projeto de lingua(gem), no qual a *différance* garanta a impossibilidade da mera repetição, do significado transcendental que se retroalimenta no *logos*. A *différance* permite que a Linguística Aplicada Crítica analise o movimento da língua na sua estruturalidade. A desconstrução permite pensar numa ciência do rastro. Não na tentativa de cristalizá-lo, mas de coloca-lo como reator das diferenças. O que garantiria uma nova representação, uma apresentação momentânea na qual a distinção hierárquica entre o objeto e a fala não existiria.

> Uma das consequências do processo de desconstrução do signo e da escritura comandado por Derrida é a necessidade de revisão de toda a teoria de leitura e de escrita. Gostaria, no o espaço que me resta, de esboçar, apenas, algumas das questões que se faz mister repensar. Uma delas é a questão do rebaixamento da escrita em relação à fala, posição defendida por Saussure. Para ele, a escrita seria uma representação de outra representação (a fala). Considerar, pois, a escrita como objeto linguístico seria analisar a imagem no lugar do real, seria *"dar maior importância à representação do signo vocal do que o próprio signo"* (1972:34). Estabelece-se, assim, uma hierarquia entre fala e escrita. Derrida descontrói essa hierarquia ao repensar o conceito de representação; re – presentação supõe um presente eterno, imutável, não contido no tempo, a própria presença. Uma vez questionada a possibilidade dessa presença, questiona-se também a distinção hierárquica entre fala e escrita: tanto uma quanto outra se constroem apenas em um presente circunscrito pelo tempo e espaço, apenas em cada nova escritura (GRIGOLETO, 1992, pg. 33).

Difícil tarefa a do cientista, mesmo que ele seja um pós-estruturalista, construir um arcabouço teórico que leve em consideração os pressupostos desconstrucionistas. Afinal, o próprio constructo "ciência" já o delimita. A linguagem só poderá ser objeto da ciência quando a ciência não mais representar o *logos*. Quando a palavra "objeto" render-se a vivência da língua. A linguagem não é espetáculo. Linguagem é vida. É preciso tirar as rédeas da linguagem das mãos da ciência. Mais que isso, é preciso tirar-lhe o cabresto.

O leitor mais aflito não continuará a leitura. Tirar a ciência do palco. Tirar o palco significa jogar-nos na loucura da Torre de Babel. A própria Grigoletto coloca essa questão em pauta. A Linguística Aplicada Crítica deverá ser uma ciência da tensão. Deverá investigar esse espaço de negociação entre o estrutural da língua e a prática dos falantes.

> Mas, perguntará o leitor, se aceitarmos a polissemia, essa disseminação incontida de significantes, como é possível que haja compreensão entre indivíduos por meio da linguagem? A possibilidade se dá porque a interação acontece dentro de um discurso determinado social e historicamente, e institucionalizado, que circunscreve a polissemia. No interior desse discurso institucionalizado (Foucault, 1971), o jogo é limitado e a polissemia do signo não é arbitrária ou incontrolada. E o indivíduo, ao se expressar, promove mais uma ilusão: a ilusão de estar criando um discurso próprio e original (GRIGOLETO, 1992, pg. 33).

A limitude do jogo não estanca as possibilidades da linguagem. Derrida apontando os problemas da linguagem dirá que tudo é discurso. Mas a questão se aprofunda, no que diz respeito ao jogo. Porque o jogo sem suplemento cristaliza-se. E não há como pensar suplemento num discurso institucionalizado. A linguagem só cabe na aporia, no hífen que separa os opostos. Nenhum arcabouço das ciências humanas escapa à língua(gem), seu poder e aporias. Isso significa que mesmo propondo um deslocamento epistemológico a Linguística Aplicada tem como base a metafísica da ciência positiva. A Linguística Aplicada Crítica deverá levar essa problemática em consideração. O objetivo não é romper com a metodologia da Linguística Aplicada, mas sim, utilizar o que pode ser proveitoso do seu arcabouço teórico e descartar o que não é. E nesse sentido a desconstrução tem papel fundante.

> Uma vez mais, vemos que a desconstrução não é um sistema de pensamento em que possamos nos apoiar, ou um método que possamos aplicar. As propostas de Derrida são um convite à travessia do abismo na corda bamba, sem rede de segurança. Mas quem pode hoje, honestamente, garantir segurança na travessia dos tempos? É preciso coragem para sair do lugar, para escolher o que abandonar e o que conservar na viagem, porque sem abandono não há renovação, e sem conservação não há história (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 29).

Como vimos anteriormente à desconstrução muito já contribuiu para os estudos da tradução, texto/leitura, estudos de gênero. Essas áreas podem nos ajudar a trilhar um novo caminho, possibilitando a Linguística Aplicada Crítica uma nova postura diante dos estudos da linguagem. Utilizando as consequências epistemológicas destas áreas e articulando com a proposta representacional de Derrida podemos construir um arcabouço teórico para a Linguística Aplicada Crítica. Primeiro, a língua é um acontecimento da linguagem. Isso significa que ela é estática estruturalmente, mas movimenta-se em sua prática. Segundo, é na negociação, na trama entre o estrutural e o social que se encontra o objeto da Linguística Aplicada Crítica (por isso uma ciência da tensão). Terceiro, a relação estrutural e social se dá na diferença e não na exclusão. Essas conclusões trazem algumas mudanças para o fazer científico. Afinal, conceitos como área de conhecimento, sujeito, objeto e capacidade de prever fenômenos terão que redimensionar para dar conta dos novos problemas dos estudos da linguagem. Uma ciência da língua deve cuidar da relação entre sua estruturalidade e sua vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a linguagem sofreram deslocamentos que apontam para a superação do paradigma estruturalista e de como fazer ciência. Analisando o percurso dos estudos linguísticos percebemos que o arcabouço teórico da linguística "dura" não dava conta de explicar os fenômenos da língua, pois, estão baseados numa epistemologia abstrata estrutural que tem como cerne as características do signo saussuriano. Pesquisadores da Linguística Aplicada tencionam superar esta problemática, o fato da linguística positivista não conseguir mais explicar os fenômenos da língua, utilizam pressupostos epistemológicos pós-estruturalista para tentar abarcar a língua enquanto ente vivo.

Thomas Kuhn (2003) explica como se dá essa mudança paradigmática. Uma comunidade científica tem como objetivo fortalecer seu paradigma e á assim que a ciência progride normalmente. Ou seja, numa comunidade científica o que vale é adequar à realidade a hipótese, dificilmente um pesquisador desiste do seu paradigma. No entanto, quando o paradigma não dá conta de explicar a realidade a ciência passa por um período revolucionário, no qual o paradigma dar lugar a outro paradigma mais abrangente.

A linguística aplicada propõe uma nova postura investigativa por entender que a língua se dá em relações sociais nas quais questões como identidade, etnia, sexualidade, raça são colocadas como prioridade. Nesse sentido, o arcabouço epistemológico também muda. Pensadores como Heidegger, Nietzsche, Foucault e Derrida são utilizados para demonstrar a fragilidade do discurso da ciência positivista.

Compreendemos que mesmo mudando seu arcabouço epistemológico a Linguística Aplicada não conseguiu superar a característica dual e dicotômica da metafísica ocidental. Afinal, o que percebemos nos ensaios acadêmicos desta comunidade científica é que há a elevação do elemento social da língua em detrimento do elemento estrutural. Esta inversão segue a lógica da tradição e essencializa a categoria social colocando-o como uma verdade universal.

A crítica derridiana ao signo saussuriano tem como objetivo denunciar esta lógica excludente. O significado transcendental, quer dizer, o apagamento do

significante em relação ao significado se perpetua no aviltamento da escrita em relação com a fala. A escrita é a aparência, tenta imitar a fala, a fala que é essência. Esse modelo representacional também cai na crítica desconstrucionista de Derrida. Será essa crítica que garantirá uma nova proposta representacional baseada na diferença entre a representação e a apresentação.

A desconstrução serve como suporte teórico para vários campos do conhecimento. Nosso intento nesta pesquisa foi apontar como a desconstrução utilizada por Derrida pode ajudar a linguística a renovar o fôlego dos estudos da linguagem. A ideia é que avancemos na discussão de qual é o espaço de atuação da Linguística Aplicada Crítica, se existe necessidade deste espaço e qual a caracterização de ciência deve existir para que a LAC possa se desenvolver. Já que o objeto dessa nova disciplina é um feixe de conhecimentos, não há como separá-los. Língua, identidade, gênero, tradução, leitura, política caminham de maneira heterogênea.

O certo é que não podemos discutir língua sem trazer à tona outros questionamentos da sociedade. E mais, não podemos essencializar estes campos de conhecimento. Vejamos por exemplo como a relação da língua com a identidade nos mostra, assim como na linguística, a impossibilidade de um fechamento, a impossibilidade de obtermos um objeto homogêneo e seguro.

Tratar de língua e identidade é caminhar na impossibilidade do possível, na incapacidade de fechamento do conceito. Nesse sentido, perguntas como: o que é língua? O que é identidade? Necessitam de redirecionamentos que ultrapassem os sistemas conceituais da tradição e sejam postas no movimento contínuo da desconstrução tanto no terreno da Linguística como no dos estudos culturais.

Mas as perguntas ainda se inscrevem: o que é língua? O que é identidade? Como estão relacionadas? Vejamos: identidade é aquilo que se é e não pode ser outra coisa. Assim, a noção de identidade traz em si a noção de diferença. Se digo: “sou itabunense”, necessariamente não sou ilheense, nem paulistano. Da mesma maneira acontece quando tratamos da diferença. Se digo: “ela é italiana” significa dizer que ela não é africana nem holandesa.

Temos a identidade como referência da diferença. Quer dizer o que sou irá normatizar minha visão de mundo no que diz respeito àquilo que não sou. Sendo

heterossexual descreverei e avaliarei a homossexualidade sobre a minha perspectiva. Essa postura demonstra a condição essencializadora da identidade e da diferença e não dá conta de explicar o processo de diferenciação no qual são produzidas. Pois, identidade e diferença são produtos de atos de criação linguística, ou seja, são construídas por meio de atos de linguagem. Nesse sentido, estão sob o escrutínio das regras que norteiam a linguagem em geral.

A linguagem, segundo Saussure, é um complexo de diferenças, quer dizer, seus elementos considerados isoladamente não tem sentido. “Assim, a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante (...)” (SAUSSURE, Curso de Linguística Geral, pag. 81). Eis o ponto central da nossa discussão. A arbitrariedade do signo.

O signo não é a coisa ele apenas tenta representa-la, no entanto, a linguagem nos condiciona a vê-la como coisa em si. É sobre essa problemática que a questão da identidade e diferença toma novo contorno. O conceito de identidade carrega em si o da diferença. Quando digo o que sou, quando construo discursivamente minha identidade traço o que é diferente só que vejo a minha identidade como a própria coisa e ponho o diferente fora das fronteiras.

Assim como acontece com a língua, ou seja, a impossibilidade de fechamento do conceito, também a identidade está sempre ameaçada pelo *fora*. Não é possível construir uma identidade fixa e nuclear, pois o *fora* sempre adia essa totalização. As estruturas binômicas tentam normatizar uma identidade, fecha-la em detrimento de outra, em oposição à outra tornando-a invisível, natural.

Na tentativa de se dizer o que se é tenta-se fixar a identidade. A língua surge como importante ferramenta para esse fim. Temos que voltar a perguntar: o que é língua? Não existe na sua estrutura interna resposta para tal pergunta. A língua vive. Somente na sua exterioridade a língua toma contorno. Língua francesa, inglesa, alemã são construções políticas, sociais que não dão conta de explicar o que é língua. Derrida se aproveitará dessa problemática para questionar como se dá a constituição de uma identidade.

> Não ignoro a necessidade destas distinções. Os linguistas e os sábios em geral podem ter boas razões para as manter. Com um rigor absoluto, e até ao seu limite extremo, não me parece, todavia, que possam manter-se. Se não forem tidos em consideração, num contexto sempre bem determinado, critérios externos, sejam eles "quantitativos" (antiguidade, estabilidade, extensão demográfica do campo da palavra) ou "político-simbólicos"(legitimidade, autoridade, domínio de uma "língua" sobre uma palavra, um dialeto ou um idioma), não sei onde se pode encontrar traços internos e estruturais para distinguir rigorosamente língua, dialeto e idioma. (DERRIDA, Monolinguismo do Outro,2001, pag. 21)

Não posso dizer o que sou mediante uma língua, pois a unidade da língua é indeterminada. Assim como é a identidade em si. Segundo Derrida, vivemos num processo de identificação que está para além da fragmentação da identidade, não vivemos no jogo das identidades como propunha Stuart Hall, no qual temos várias identidades e a utilizamos de acordo com cada situação. Vivemos no limite da alteridade. Assim, podemos mudar a abordagem do pensamento derridiano e dizer: não se é nunca senão uma única pessoa. Não se é nunca uma única pessoa.

O que este cenário nos mostra é que a possibilidade da Linguística Aplicada superar o tratamento metafísico da ciência é muito difícil, afinal, a determinação do objeto não acontece. A crítica dos pós-estruturalistas ao modo de fazer ciência é contundente, pois, aponta para as fragilidades sistêmicas do estruturalismo, no entanto, colocar outro modelo no lugar significa enfrentar os mesmos problemas da linguística positivista.

A Linguística Aplicada Crítica deverá superar essa necessidade de "colocar outra coisa no lugar", afinal compreende que essa mudança de lugar só faz repetir a lógica da metafísica tradicional. Será entre esses dois lugares que a LAC encontrará seu espaço de atuação. Nosso esforço se deu nessa direção, apontar as possibilidades duma nova ciência da língua que rompa com o modo de fazer ciência positivista.

No primeiro capítulo tentamos mostrar a tentativa da reviravolta epistemológica da Linguística Aplicada. Percebemos o esforço dos pesquisadores em

formular uma proposta metodológica que respeitasse as diferenças e que tirasse a língua da abstração e a trouxesse para a vivência dos falantes. A tentativa de construir uma Linguística Aplicada Crítica norteou os pesquisadores num fazer cientifico interdisciplinar, no qual, se houvesse a necessidade de construir um sistema este seria aberto e não seria neutro, pois, segundo eles a língua só existe enquanto constructo dos falantes e estes estão no mundo sob as relações de poder imposto pela sociedade.

No segundo capítulo aprofundamos os estudos sobre as três obras de Derrida, a saber: *A voz e o fenômeno* (1994), *Gramatologia* (2004) e *A escritura e a Diferença* (2009). Na tentativa de apontar a crítica derridiana ao signo no seu aspecto representacional e como este signo é utilizado para manter a tradição metafísica que tem como norte as estruturas binômicas, nas quais um lado é elevado em detrimento do outro. Discutimos o papel do *significado transcendental*, da estruturalidade da estrutura e como o Husserl repete o estratagema metafísico ao tentar utilizar o signo para propor uma fenomenologia da consciência.

No terceiro capítulo discutimos como esse arcabouço derridiano poderia dar novo fôlego aos estudos da linguagem. Nesse sentido, tentamos apontar as dificuldades que uma ciência enfrentaria se lavasse a cabo a desconstrução. Utilizando como base o problema da tradução percebemos que uma ciência da diferença, uma ciência do *rastro* se tornaria viável se mudasse não o objeto, mas sim, a maneira de concebê-lo.

Uma nova ciência é possível, a reflexão derridiana traz para o campo da linguagem perspectivas revolucionárias no tratamento do texto, da tradução, da significação e da própria discussão sobre o que é língua, pois, pensar os estudos da linguagem tendo como pressuposto o rastro significa quebrar a lógica do *significado transcendental*, que apaga o significante e repete o significado nas operações da língua.

O que consideramos importante é que essas reflexões combinadas com os pressupostos da Linguística Aplicada Crítica renovam o campo dos estudos da linguagem e propõem possibilidades para eleger novos objetos de estudos e novas metodologias, nas quais o próprio conceito de representação é afetado. Isso quer dizer que embora a linguística não consiga superar o signo, devido a formulação metafísica do que é ciência, teremos uma mudança de perspectiva no que diz respeito ao objeto cientifico.

Derrida ao anunciar os sintomas da desconstrução sabia da impossibilidade da construção duma nova ciência, pois esta também seria desconstruída. O problema é que somos levados a tentar domesticar o pensamento derridiano e engessá-lo num discurso acadêmico. Nada mais justo. A metafísica construiu a sua época, a sua linguagem. Como superá-la? Esta é uma pergunta do nosso tempo. A resposta não. Só nos resta utilizar as *aporias* para propor outros caminhos, diferentes caminhos que só ensina a quem se propõe a caminhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROJO, Rosemary. A desconstrução do logocentrismo e a origem do significado. In: **O signo desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Org. Rosemary Arrojo. Campinas – SP: Pontes, 1992. P. 35-39.

CALVET, Louis-Jean. **Saussure: pró e contra para uma linguística social.** Trad. Maria Elizabeth Leuba Salun. São Paulo: Cultrix, 1975.

DERRIDA, Jacques. **A voz e o fenômeno.** Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____ A Escritura e a Diferença. Trad. Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

_____ **Gramatologia.** Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____ **Posições.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____**Monolinguismo do Outro ou a prótese de origem.** Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Editora Campos das Letras, 2001.

DUQUE- ESTRADA, P. Derrida e a escritura. In: **Às Margens: a propósito de Derrida**. Org. Paulo Cesar Duque- Estrada. Rio de Janeiro: Ed.PUC- Rio; São Paulo: Loyola,2002.p.9-28.

DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. São Paulo: Global, 1978.

FERREIRA, Élida. Tradução/Desconstrução: Um legado de Jacques Derrida. In: **Sobrevidas da desconstrução**. Revista de Letras. São Paulo: Unesp. V. 49, n. 2. 2009. p. 229-242.

GRIGOLETTO, Marisa. A desconstrução do signo e a ilusão da trama. In: ARROJO, Rosemary. **O Signo Desconstruído:** Implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas, RJ: Pontes, 1992.

KUHN. T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

_____. **Caminho desde a estrutura**. São Paulo: UNESP, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** 2ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

_____. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. **In:** MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** 2ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2008, p. 85- 107.

PENNYCOOK, Alastair. Um linguística aplicada transgressiva.In:MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** 2ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2008, p. 67-84.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Derrida e as ciências humanas. In: FERREIRA, Élida . OTTONI, Paulo. (Orgs.). **Traduzir Derrida:** Políticas e desconstruções. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2006, p. 23-29.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença:** uma introdução. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada.**In:**MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** 2ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2008, p. 149-168.

_____. **In:** XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **Conversas com linguistas:** virtudes e controvérsias da linguística. São Paulo. Parábola editorial, 2003, p. 176-182.

_____. A trama do signo: Derrida e a desconstrução de um projeto saussuriano. **In:** ARROJO, Rosemary. **O Signo Desconstruído:** Implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas, RJ: Pontes, 1992.

SANTOS, Boaventura de Souza**. Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1989.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística.** 2° ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.